



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Mariana Leão de Oliveira

**Indústria Pornográfica:
Discutindo a objetificação do corpo da mulher**

Rio de Janeiro

2022

Mariana Leão de Oliveira

**Indústria Pornográfica:
Discutindo a objetificação do corpo da mulher**

Monografia apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientador: Marcello de Moura Coutinho.

Rio de Janeiro

2022

Dedico esse trabalho a minha mãe, ao meu orientador, e a todos os colegas e professores da EPSJV.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente ao meu orientador, Marcello Coutinho, que me proporcionou imensurável apoio e auxílio para a realização deste estudo. Agradeço também pelas conversas e trocas que tivemos ao longo do terceiro e quarto ano que me ajudaram a não desistir.

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) por ao longo de 4 anos me formar como uma profissional e pesquisadora, além de me conceber diversos ensinamentos que é de extrema importância para a minha vida acadêmica e pessoal.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, por sempre demonstrar interesse nas minhas pesquisas e, por me incentivar na realização do presente estudo.

Agradeço ao meu namorado, Vinícius Araújo, que estudou comigo e que, me inspirou a ter muita perseverança para realizá-lo com qualidade.

Agradeço também ao Programa de Iniciação Científica da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio que me propiciou o auxílio, por meio de uma bolsa de pesquisa, bem como contribuiu para a sua execução.

“Nós criamos as meninas para verem umas às outras como competidoras, não para empregos ou realizações - o que eu acho que pode ser uma coisa boa - mas pela atenção dos homens... Feminista: a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos.” (Chimamanda Adichie).

RESUMO

Este estudo aborda o contexto histórico e contemporâneo sobre a inferiorização da mulher na sociedade, o que acarreta a perpetuação da objetificação do seu corpo e o desenvolvimento da indústria pornográfica. Por conseguinte, tem como objetivo aprofundar a análise de como a falta de educação sexual no Brasil contribui para mistificações sobre as relações sexuais e o consumo precoce de conteúdo pornográfico, corroborando para a naturalização da violência contra a mulher e a sua hipersexualização. Ademais, descreve o processo histórico da construção do machismo e patriarcado na sociedade, configurando em escala global, o papel da mulher como o de submissa ao homem. Destaca-se como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), idealizada por entidades elitistas contribuirá para o reforço de um ensino arcaico e conteudista, o qual interdita, geralmente, discussões de educação sexual nas escolas. Com efeito, realizou-se uma pesquisa empírica com educandos e educadores da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio para descobrir como os participantes da pesquisa veem os papéis dos gêneros (perspectiva heteronormativa) e, como estes influenciam as relações sociais cotidianas; os efeitos do patriarcado e machismo nas produções audiovisuais pornográficas, e por fim, analisar a presença de educação sexual escolar e seus efeitos nas vidas dos participantes. Conclui-se, que a autoeducação, principalmente, por conteúdos audiovisuais pornográficos vem contribuindo diretamente para o estímulo à “cultura do estupro” e à objetificação do corpo da mulher.

Palavras-chave: Corpo da Mulher. Objetificação. Educação Sexual.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DO PATRIARCADO E INFERIORIZAÇÃO DAS MULHERES.....	12
CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO SEXUAL ÀS AVESSAS.....	22
METODOLOGIA.....	30
Análise da Pesquisa de Campo.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
ANEXOS.....	55
Anexo 1 – Registro do Consentimento Livre e Esclarecido para Educadores(as) que atuam no CTNMS e/ou na EJA Manguinhos da EPSJV.....	55
Anexo 2 - Questionário para Educadores(as) que atuam no CTNMS e/ou na EJA Manguinhos da (EPSJV – FIOCRUZ).....	57
Anexo 3 – Registro do Consentimento Livre e Esclarecido para Entrevistas com Educandos(as) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV – FIOCRUZ).....	59
Anexo 4 – Questionário para Educandos(as) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV – FIOCRUZ).....	61

INTRODUÇÃO

Para um entendimento amplo sobre a indústria pornográfica e a objetificação do corpo da mulher, é necessário identificar as marcas do patriarcado e do machismo estrutural no interior das sociedades humanas. Isto porque, sociedades como a brasileira são estruturadas por normas machistas, oriundas de um sistema patriarcal que vigora até à contemporaneidade. Além disso, vale ressaltar como se dá de forma geral, o estímulo ao consumo de material pornográfico, principalmente, entre os jovens do sexo masculino, o que influencia fortemente, a vida sexual na fase adulta, bem como as suas relações afetivas.

Não obstante, a sociedade capitalista advinda da Revolução Industrial, na Europa do século XVIII reconfigurou os costumes e as práticas sociais do patriarcado e do machismo. Pode-se afirmar, que o patriarcado naturaliza a visão da mulher como inferior, entendendo que a manutenção da suposta inferioridade feminina (física, emocional e mental) e, da submissão da mulher (política, econômica e sexual) ao homem é a forma correta de organizar as sociedades humanas. Por sua vez, o machismo é um sistema simbólico de poder que estrutura as relações sociais, estando diretamente vinculado ao patriarcado, garantindo aos homens, uma série de privilégios naturalizados historicamente. Por conta disso, muitas publicações vinculadas à perspectiva feminista, passaram a utilizar a expressão “machismo estrutural”.

[...] O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominância que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. (...) Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo “duas linguagens”: uma masculina e uma feminina. [...] Nesta produção-reprodução de papéis, códigos, representações sexuais, etc., há produção do espaço aberto, no sentido dado à expressão “corpo sem órgão” da extorsão do prazer, do sentido, do poder, do objeto, etc., onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher. Assim, o machismo representa-articula (relações reais e imaginárias) esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade.

(DRUMONT, 1980, p. 82-83).

De forma geral, a discussão realizada neste estudo, diz respeito à mulher hetero, cis gênero e “branca”, ou seja, a mulher considerada “padrão” na sociedade contemporânea, a qual ditaria tendências de moda e padrões de comportamento, ou seja, a mulher esteticamente invejável para as demais mulheres, bem como um objeto a ser seguido e, conseqüentemente “comprado”.

Com efeito, foi pretendido discutir e apresentar as condições de inferiorização e subordinação da mulher negra ao longo da história, e os efeitos decorrentes da desvalorização estrutural dessa mulher no corpo social contemporâneo.

O interesse em discutir a questão da indústria pornográfica e a objetificação do corpo da mulher, surgiu a partir de uma reflexão pessoal da autora acerca do consumo do “entretenimento adulto”, o qual a afetava, enquanto uma jovem mulher brasileira que sofre cotidianamente com o machismo, patriarcado, desigualdade de gênero, o que configura uma série de dimensões de violência contra a mulher.

Ademais, a pornografia se encontra em circulação desde a criação de meios de comunicação e (revistas, jornais, televisão e, posteriormente, a internet) fora evidenciado o acesso precoce de adolescentes do sexo masculino de seu meio escolar à pornografia, o que como afirmado anteriormente, acaba acarretando a perpetuação do consumo de pornografia para autoeducação, que deriva na disseminação de um ideário opressivo e de inferiorização do sexo feminino.

Assim, a medida que a internet cresce exponencialmente na contemporaneidade, a quantidade de pornografia disponível também aumenta, pela proporcionalidade, então essa facilidade de acesso pelos meios virtuais significa que há exposição intencional da mídia e grandes produções, ou inadvertida (pelos pais e responsáveis) está aumentando entre os menores de idade, logo os inúmeros materiais audiovisuais pornográficos acessados entre crianças ou adolescentes pode levar a ideias prejudiciais sobre os relacionamentos íntimos dos futuro.

Além disso, a autora acredita que como mulher inserida numa sociedade machista e patriarcal, tem a responsabilidade de contribuir para o combate às distinções heteronormativas de gênero, as quais usufruem da imposta subordinação feminina.

Em consonância com o postulado de Castro e Crespo (2018) é destacado o trecho abaixo:

Para as feministas, como Catharine Mackinnon, a divisão de gênero entre homens e mulheres é causado pelas exigências

sociais de heterossexualidade, que institucionalizam a dominação sexual masculina e a submissão feminina, o sexo são relações sociais que servem para a mesma coisa, ou seja, é organizada para que o homem possa dominar e a mulher submeter-se a ele (CASTRO e CRESPO, 2018, p. 100).

A partir dessa reflexão, o interesse foi ampliado para a discussão e contribuição científica da referida temática para a sociedade, que é relativamente pouco tratada em ambientes escolares e dentro das famílias tradicionais brasileiras.

Nesse sentido, o intuito é evidenciar a importância de uma educação sexual formal nas escolas ou em casa que contribua para a diminuição da objetificação do corpo da mulher, respeitando seus corpos e desmitificando o sexo, para construir uma relação saudável de comunicação e esclarecimento de dúvidas, pois a pornografia alimenta a submissão da mulher perante o homem, o que se estende de um nível profissional até em relações sexuais.

Portanto, a temática faz-se de suma relevância pela necessidade de contribuir na reflexão crítica acerca da indústria pornográfica que favorece simbolicamente o crescimento progressivo da violência contra mulher, a qual é representada de forma explícita em seus conteúdos audiovisuais, assim como no combate à perpetuação da “cultura do estupro” presente em nossa sociedade, aprofundando, ao longo da história, a consolidação do patriarcado e inferiorização das mulheres nas sociedades ocidentais e regidas pelos ideais judaico-cristãos.

Entende-se ser necessário argumentar sobre a educação sexual formal nas escolas ou a que ocorre em espaço doméstico no Brasil, o que pode disseminar ideias de desmitificação da sexualidade e diminuir estereótipos relativos aos corpos das mulheres, também como a autoeducação vinda do consumo exacerbado de materiais pornográficos.

Não obstante, pode ocorrer justamente o contrário, o que contribuirá para a construção e perpetuação do machismo estrutural em toda a sociedade brasileira, vinculando a ineficiência da matéria escolar “Educação Sexual”, com o massivo e precoce acesso dos jovens do sexo masculino, aos conteúdos audiovisuais pornográficos, de modo autodidata, o que não deixa de ser formativo, mas prejudica sensivelmente a possibilidade de termos homens adultos conscientes sexualmente e que, não praticarão violência contra as mulheres.

Objetivou-se, de forma geral, com esse estudo, compreender como a indústria pornográfica objetifica o corpo da mulher e molda as relações entre os gêneros feminino e masculino. E, mais

especificamente, refletir sobre a perspectiva feminina e masculina acerca da objetificação do corpo da mulher na indústria pornográfica. Além disso, buscou-se entender como a inexistência de uma educação sexual para crianças e jovens sobre o sexo sem influência de tabus, inferiorização da mulher e objetificação de seus corpos pode contribuir na prevenção da gravidez precoce e de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

A monografia está estruturada da seguinte forma: **Introdução**; na qual o tema do estudo é apresentado; **Capítulo 1 – História do Patriarcado e Inferiorização das Mulheres; quando é feito um histórico do patriarcado**, bem como da subjugação das mulheres o que é evidenciado pela chamada “cultura do estupro”. No **Capítulo 2 – Educação Sexual às Avessas** é feita uma discussão acerca da necessidade de uma educação sexual que não reproduza o patriarcado e o machismo, na **Metodologia** é demonstrado o desenho metodológico do estudo, sendo que nas **Considerações Finais**, a discussão teórico-conceitual é relacionada com os resultados da pesquisa empírica. Nas **Referências** é apresentada a bibliografia utilizada, e por fim, nos **Anexos** são encontrados o Registro do Consentimento Livre e Esclarecido para Educadores que atuam no CTNMS e/ou na EJA Manguinhos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), bem como aquele para Educandos desta instituição escolar. São encontrados também, os respectivos questionários utilizados na pesquisa empírica.

Diante do exposto, o presente estudo foi desenvolvido com base na seguinte questão norteadora: *“Como a indústria pornográfica corrobora a objetificação do corpo da mulher?”*.

CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DO PATRIARCADO E INFERIORIZAÇÃO DAS MULHERES

Ao longo da história, o patriarcado estabeleceu-se como o único modelo social funcional para a humanidade. Porém, há controvérsias que da antiguidade até a contemporaneidade só existiu o patriarcado como forma de reger, controlar e influenciar o corpo social. Assim, para o entendimento pleno da sociedade patriarcal em que vivemos, é necessário retomar a gênese e citar o matriarcado na antiguidade e como se desdobrou para completa dominação do poder masculino. A sociedade matriarcal pode ser brevemente explicada pelo autor Guerra (2021), da seguinte forma:

O matriarcado pré-histórico é um modelo genérico de leitura sobre o passado que envolve uma série de estereótipos não à toa associados à religião como única esfera pública de projeção das mulheres e à sublimação de suas capacidades reprodutivas. O modelo não constitui uma mera história das mulheres com recorte na Pré-História, mas apresenta a História como história da organização de papéis sociais por diferenças e hierarquias baseadas no sexo (GUERRA, 2021, p. 2-3).

Assim, enalteciam as mulheres pré-históricas como líderes, inventoras de tecnologias e instituições como a agricultura e a domesticação animal, a medicina, a religião (centrada no culto a divindades femininas) e o governo (GAGE, 1883; STANTON, 1891; GAMBLE, 1894). A ênfase no aspecto religioso foi uma tônica da caracterização do matriarcado entre arqueólogos, em parte inspirados pelo tratamento dado por James George Frazer (1890) às deusas mães.

Na virada do século, Arthur Evans (1899/1900, 1930, 1931 1936) e Jane Harrison (1903) usarão a hipótese do matriarcado em sua interpretação das sociedades pré-históricas do Egeu tomando como eixo a religião da “Grande Deusa Mãe”. Essa tendência terá continuidade nos populares livros das arqueólogas Jacquetta Hawkes (1951; 1955; 1968) e Marija Gimbutas (1989; 1991). Contudo, Diop (2014) elucida a passagem do sistema matriarcal para patriarcal:

(...) em vez de uma passagem universal do matriarcado para o patriarcado, a humanidade se dividiu, originalmente em dois conjuntos geograficamente distintos, entre os quais um deles propiciou a eclosão do matriarcado e o outro a do patriarcado, e que estes dois sistemas se reencontraram e chegaram mesmo a disputar as diferentes sociedades humanas, que em determinadas localidades, estes se sobrepuseram ou justapuseram, dar-se-ia

início ao esclarecimento de um dos aspectos mais obscuros da história da Antiguidade (DIOP, 2014, p.25).

De acordo com o episódio – “Homens e Mulheres”, da série televisiva canadense *Ecce Homo*¹, disponível no Youtube, no início da humanidade, não havia hierarquização entre homens e mulheres, mas um paralelismo de importância, ou seja, as atividades de reprodução da existência e defesa da vida cabiam a homens e mulheres sem ordem de importância. Assim, os homens caçavam e as mulheres coletavam e aos poucos, essas atividades, antes complementares, começaram a ganhar valores simbólicos distintos.

Os homens foram sendo entendidos como guerreiros, tendo se tornado líderes de seu clã ou tribo, ocupando, portanto, o que chamamos atualmente de “esfera pública”. E, as mulheres se ocupavam da “vida doméstica”, com o papel principal de gerar filhos (procriação).

Nessa lógica, os homens acabaram detendo poder, pois assumiram o controle da terra e, pelo fato de cuidar do gado e observar os animais no pasto, desenvolveram a consciência de seu papel de genitores, o que teria levado à contínua desvalorização do “princípio feminino”, embora anteriormente, a forma feminina tivesse sido entendida como a que dava a luz, sendo comparada à “Mãe Terra” (“Deusa Mãe”), ou seja, a figura feminina estava ligada à ideia de “fonte da vida” (germinação, agricultura e procriação).

Entretanto, como os homens enfrentavam a morte em suas caçadas e nas guerras, a partir da Antiguidade Clássica, passaram a ser considerados guerreiros e responsáveis pela proteção / segurança de seu grupo e, posteriormente, de seu povo. Assim, houve a passagem da “Deusa Mãe” (Terra) para o transcendental “Deus Pai”, fazendo com que a humanidade mudasse radicalmente sua perspectiva entre as concepções de “feminino” e masculino”.

Ainda conforme o episódio “Homens e Mulheres” da série *Ecce Homo*, o homem transmitiria o “princípio da humanidade” (marca humana) na Antiguidade Clássica, ou seja, a inteligência, o espírito e a forma humana. Já a mulher, seria um ser sem importância que com a menstruação (substância sem forma, bem menos importante), daria o “material”. Nesse sentido, a mulher existiria apenas para gerar filhos, sendo um receptáculo, quase um animal sem inteligência,

¹ “*Ecce Homo*” é uma série televisiva de vinte e seis episódios, em formato de documentário, produzidos pela produtora canadense Conscient Productions, os quais abordam diferentes aspectos das sociedades humanas.

tendo papel secundário na procriação. No século IV (AC), Aristóteles teria afirmado: “Só o homem gera o homem”, refletindo a enorme inversão em relação à perspectiva da “Deusa Mãe”.

Houve mais uma grande mudança provocada pela Inquisição² que representou a opressão das mulheres pelos homens, acima de tudo, a mensagem era: “Mantenham as mulheres sob controle, pois são a fonte do mal.”. Assim, para os teólogos desse período também conhecido como “caça às bruxas”, as mulheres seriam “más”, “sedutoras” e “perigosas” como Eva, “lascivas como víboras”, “traíçoeiras como enguias” e, mais ainda, “indiscretas” e “geniosas”.

Constata-se que, a mensagem das Igrejas Católica e Protestante, no período inquisitorial passou a desviar flagrantemente da mensagem bíblica de Cristo. Para a igreja institucionalizada, com base na visão acima descrita, as mulheres passaram a ser consideradas seres “inferiores” que deviam obediência primeiro aos pais e, depois aos maridos. Portanto, um conjunto de normas severas comandava a vida familiar, social e religiosa e, quem as desafiasse correria o risco de entrar em desacordo com a ordem feudal e patriarcal.

Logo, a partir do machismo estrutural e do patriarcado há a naturalização do papel de “dominador” e o da mulher como “submissa” ao homem em diversas esferas sociais, como conjugal, familiar e profissional.

Na Grécia Antiga, foi consolidado as primeiras manifestações de democracia “igualitária” entre os cidadãos da pólis, porém para ser considerado um legítimo cidadão ateniense para poder votar necessitava-se de alguns critérios: não poderia ser mulher, estrangeiro, escravo ou servo. Ou seja, somente a minoria da sociedade poderia usufruir do ideário da democracia, controlar a política e participar das redes de poder. Em consonância com o filósofo Aristóteles, “o que constitui propriamente o cidadão, sua qualidade verdadeiramente característica, é o direito de votar nas assembleias e de participação no exercício do poder público em sua pátria.”.

Com efeito, é notório a exclusão das mulheres a sociedade e da vida pública a partir da “capacidade” desde a antiguidade pelos homens, que determinaram friamente o papel da mulher no corpo social para somente provedora, e cuidadora do lar para que seus maridos pudessem usufruir perfeitamente da cidadania e corpo social.

² A Inquisição ocorreu na Europa entre os séculos XV e XVII.

A historiadora Gerda Lerner define o patriarcado como “manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral” (LERNER, 1986, p. 290).

Sob essa óptica, a dominação corrobora também para a objetificação da mulher, ou seja, como objeto a mulher tem um “dono” e para cumprir seu papel na sociedade, ela precisa responder às necessidades e vontades desse “senhor”, para que a ordem seja mantida e que não haja conflitos.

Essa realidade determinista e tortuosa para mulheres, tem heranças milenares na espécie humana, incontáveis formas de justificar a validade da submissão, como teorias biológicas de fraqueza e delicadeza do corpo feminino, inferioridade intelectual para afastá-las do pensamento crítico, e também sob a perspectiva judaico cristã, que rege o mundo ocidental, a mulher seria naturalmente pecadora e propensa a tentações diabólicas, justificando a necessidade de obediência aos seus maridos e naturalizando a violência como punição de seus pecados.

As passagens bíblicas judaico-cristãs abaixo, extraídas de Lima (2010), evidenciam a naturalização da violência contra a mulher:

A maldade da mulher é tratada em *Eclesiasticus XXV*: “(...)eu prefiro viver com um leão e um dragão do que manter casa com uma mulher(...)”. Por este motivo, S. João Crisóstomo afirma, no texto, “Não é bom se casar: o que mais é a mulher além de uma inimiga da amizade, uma inescapável punição, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejada, um perigo doméstico, um mal da natureza, pintada com cores suave” (PITANGUY apud LIMA, 2010 [s/p]).

Tu deverás usar sempre o luto, cobrir-te de farrapos e machucarte pela penitência a fim de reparares o erro de teres feito com que o gênero humano se perdesse... Mulher, tu és a porta do diabo. (TERTULIANO [padre da Igreja] apud LIMA, Op. cit.)

Vale ressaltar, que as “bruxas” eram exatamente as mulheres que se opunham às normas estabelecidas, representando “perigo”, “desafio” e “subversão” de uma série de convenções relacionadas ao ideal de família, sendo proporcionalmente quatro entre cinco pessoas queimadas na fogueira à época.

A filósofa e ativista feminista Silvia Federici, em seu importante livro publicado em 2017 no Brasil – “Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva”, com base no arcabouço teórico-conceitual marxista, estabelece correlações entre o sistema patriarcal do capitalismo (herdado do período medieval) com o que chamou de “nova divisão sexual do trabalho”, a qual reconfigurou as relações entre homens e mulheres. Assim para Federici (2017),

[...] algo que se pode ver a partir do amplo debate travado na literatura erudita e popular acerca da natureza das virtudes e dos vícios femininos, um dos principais caminhos para a redefinição ideológica das relações de gênero na transição para o capitalismo. Conhecido desde muito antes como *la querelle des femmes*, o que resulta deste debate e uma curiosidade renovada pela questão, indicando que as velhas normas estavam se desmembrando e que o público estava se dando conta de que os elementos básicos da política sexual estavam sendo reconstruídos. É possível identificar duas tendências dentro desse debate. Por um lado, construía-se novos cânones culturais que maximizavam as diferenças entre as mulheres e os homens, criando protótipos mais femininos e mais masculinos (FORTUNATI [e FEDERICI], 1984). Por outro lado, foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens — excessivamente emocionais e luxuriosas, incapazes de se governar — e tinham que ser colocadas sob o controle masculino. Da mesma forma que ocorreu com a condenação da bruxaria, o consenso sobre esta questão atravessava as divisões religiosas e intelectuais. Do púlpito ou por meio da escrita, humanistas, reformadores protestantes e contrarreformadores católicos, todos cooperaram constante e obsessivamente com o aviltamento das mulheres (FEDERICI, 2017, p.201-202).

Por outro lado, foi no século XIX que as diferenças entre o corpo da mulher e do homem ganharam amplificação, reforçando a relação entre biologia e medicina ao configurar o corpo feminino como algo mais “passivo e conservador / “indolente e variável”, conforme afirma Laqueur (2001). Tal contexto reforçou e legitimou a justificativa de papéis culturais específicos de homens e mulheres. O referido autor afirma também o seguinte:

Esse processo de diferenciação anatômica e fisiológica, entre o homem e a mulher, surge [...], pois essas diferenças se tornaram politicamente importantes. ‘A política, amplamente compreendida como competição de poder, criou novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais o homem vivia’ (LAQUEUR, 2001, p. 18).

De fato, nessa reconfiguração das relações de poder que colocou os homens na posição de dominação e as mulheres na de submissão e inferiorização, acabou deslegitimando-as e objetificando os seus corpos ao longo da História. Logo, em visão macroscópica e contemporânea dessa problemática é possível inferir que a sociedade na qual vivemos contribui para a massificação da indústria pornográfica, a qual tem como centralidade, a objetificação do corpo da mulher.

No que diz respeito à objetificação do corpo da mulher, Miguel (2007) afirma que:

As práticas da beleza, por sua vez, compõem um discurso público de reforço da objetificação das mulheres – que pode ser entendido também como uma reação à crescente contestação da dupla moral sexual, de maneira a permitir uma expressão mais livre da sexualidade feminina mantendo o controle masculino sobre ela (MIGUEL, 2017, p. 1233).

Com efeito, em um dos capítulos do livro – “Primavera para rosas negras”, Lélia Gonzales retrata profundamente a posição subalternizada na mulher negra escrava no período colonial brasileiro. Durante a comercialização das mulheres africanas, elas eram divididas em dois tipos de escravas, a mucama e a escrava do eito. Esta mulher que se configurava a mucama era destinada aos trabalhos domésticos, como cozinhar, lavar, cuidar dos filhos das patroas, e significativamente objeto sexual dos senhores. E a do eito estava destinada a trabalhos no campo, sol a sol, e subalimentada.

Segundo a autora, mesmo após a abolição da escravatura e com a chegada dos tempos modernos as cidades, a mulher negra sem renda e sem expectativa de vida melhor, continuou a reproduzir a função da mucama. Podemos notar na contemporaneidade ainda a figura de mucama entre a maioria das mulheres negras, como faxineiras, caixas de supermercados, babás, prostitutas etc.

Assim se criou os estereótipos de “mãe preta”, a mulher negra retinta e dos traços “grossos” que se encaixa perfeitamente para trabalhos manuais e pesados, como cozinhar, faxinar, e ser babá. Já a mulher denominada “mulata”, que seria a mistura interracial (provocada majoritariamente de estupros dos senhores com as escravas) são as altamente sexualizadas, “a cor do pecado”, com “traços mais finos” se aproximavam mais do que era belo, mas não o suficiente para ser legitimada

ao casamento. Como se diz o ditado popular: “Preta para cozinhar, mulata para fornicar, e branca para casar”.

Desse modo, ser mulher e negra (ou negra e mulher?), implica em ser objeto de um duplo efeito de desigualdade muito bem articulado e manipulado pelo sistema capitalista. (GONZALEZ, 2018).

No século XX, as mulheres negras encontram inúmeras dificuldades de entrar no mercado de trabalho, pois rótulos como “boa aparência” eram e ainda são solicitados tacitamente nas entrevistas de emprego. Os processos seletivos, geralmente, garantem vagas para homens e mulheres brancas, em detrimento dos homens e mulheres negras. Contudo, o contexto de desigualdade no Brasil, demonstra que é a mulher negra, por estar na base da pirâmide social quem mais é excluída, quando se trata de cargos de maior prestígio social, que exigem maior escolaridade e, conseqüentemente oferecem melhores salários.

Diante desse preconceito racial, a indústria pornográfica expõe frequentemente em seus materiais, a hipersexualização sobre os corpos negros, perpetuando no imaginário social, estereótipos sobre as características físicas, como por exemplo: o homem negro deve ter o seu órgão sexual de tamanho acima do normal, e já a mulher é considerada “boa de cama”, uma mulher com um “corpão”, altamente objetificada para apenas atender às necessidades sexuais dos homens, evidenciando que ainda nos dias de hoje são preservadas as marcas históricas das escravas mucamas.

É notório em Leidholdt (1981), como a pornografia projeta esses estereótipos sexuais:

Na pornografia, todos os mitos raciais se tornam apenas mais um “turn-on”. Assim, asiáticas são retratadas como bonecas maleáveis; latinas são sexualmente vorazes, porém submissas; as negras são como animais sexuais perigosos e desprezíveis (LEIDHOLDT, 1981 apud BARROS e BARRETO, 2018, p. 303).

Não obstante, na década de 1960, as feministas romperam com grande parte das correntes que oprimiam as mulheres, fato histórico e sociológico decorrente em certa medida, do que ocorreu durante e após a 1ª Guerra Mundial, na qual os homens estavam no *front*, pois foi permitido e necessário que as mulheres tivessem acesso ao mundo do trabalho fabril. Todavia, as mulheres nos Estados Unidos da América e na Europa começaram a se organizar, conquistando direitos em relação à contracepção e ao aborto, questionando os casamentos tradicionais, o que enfraqueceu

as fundações do patriarcado e do machismo estrutural.

Com efeito, as autoras Melo e Thomé (2018) compreendem o feminismo como uma resposta à perspectiva de inferiorização e submissão da mulher. Desse modo,

[...] o feminismo compreende movimentos políticos e sociais que pretendem construir direitos iguais para os seres humanos na sociedade. São teorias e filosofias que pregam a igualdade entre homens e mulheres, além de promover a construção dos direitos das mulheres. Ou de uma percepção coletiva das mulheres de que existe uma opressão, dominação e exploração de que foram e são objetos de sujeição por parte dos homens. Durante os séculos da história social do Ocidente, livros, pinturas e discursos foram produzidos a fim de forjar e ilustrar a tal desigualdade entre homens e mulheres, que passou a ser naturalizada, por conta desse atravessamento cultural. Muitas das mitologias e religiões sacramentaram a inferioridade feminina por meio da construção da narrativa de que as mulheres foram as causadoras da desgraça humana: Eva, Pandora e Helena de Troia, entre outras, são exemplos da construção desse mito. A história, escrita pelos homens, reduziu as mulheres a muito pouco: elas não falam e os homens falam por elas (MELO e THOMÉ, 2018, p.19).

Para Ribeiro (2016), nesta mesma época a mulher negra é excluída dos textos feministas brasileiros, por serem dominados pela classe média branca. É notória a existência da exploração a mulher branca com a preta, pois era negado a existência de opressão racial. Assim,

Enquanto àquela época mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas. E essa diferença radical fazia toda a diferença (RIBEIRO, 2016, p. 100).

Ainda de acordo com a escritora Lélia Gonzales, ela retrata em seus escritos que não é possível discutir sobre gênero e suas diferenças sem contar com a questão racial, pois na América Latina e conseqüentemente no Brasil não há neutralidade entre raças e sim uma forte hierarquização e o topo é a branquitude, assim, quando mencionamos a categoria mulher, está sendo referido a mulher branca em nossa sociedade. Com isso, a caracterização dos “movimentos de mulheres” sem distinção de raça sempre se referirá a mulher branca. Portanto, as manifestações feministas e transformadoras da década de 60 foram excludentes e invisibilizador para as mulheres negras, pois não a representavam.

A hipersexualização dos corpos negros é uma herança do processo escravista que projetou

sobre esses corpos uma visão de inferioridade, e com livre disponibilidade de uso pelos colonizadores. Aos negros é apenas destinado o desejo e o erotismo, conseqüentemente produto de alta comercialização na indústria pornográfica, que reafirma em seus conteúdos a objetificação exacerbada e desvalorizada dos corpos negros, fruto do racismo. Como é possível observar, a partir de Silva (2021), a distinção da função desses corpos não amáveis para apenas objetos sexuais em:

Quando a sociedade nega a essa mulher seus afetos, colocando-a como objeto, tratando seu corpo como não digno de amor, mas apenas digno de ser objeto de lascívia, nos faz pensar como é doloroso o processo de ressignificação que a mulher negra necessita fazer, principalmente os percalços de adentrar em suas próprias emoções que foram marcadas por uma sociedade escravocrata e que ainda que a escravidão tenha sido abolida, seu corpo ainda carrega marcas, que se sustenta no imaginário social, através do racismo estrutural (SILVA, 2021, p.4).

Ademais, a indústria pornográfica é criada para atender as expectativas masculinas produzindo filmes e cenas que atendem a percepção individual do homem heteronormativo, com performances, dominação e submissão, e principalmente apagando o prazer feminino e objetificando a mulher como um instrumento de prazer, unicamente masculino. Conseqüentemente, essa realidade cinematográfica e imaginária do “sexo perfeito” tornou-se uma uniformização dos desejos e normatização do prazer, que é posta como tentativa de reprodução entre os casais (JÚNIOR, 2006, p. 64).

Além disso, a falta de consentimento é romantizada, sendo muitas vezes interpretada como se a mulher estivesse fazendo “charme” ou tentando se “valorizar”, ao dizer não a um homem, pois estaria no fundo realmente, desejando-o. Esse pensamento infelizmente é muito comum em nossa sociedade, o que é reforçado pela indústria pornográfica em seus conteúdos, contribuindo fortemente para a normalização da chamada “cultura do estupro”. Em consonância com esse postulado, Andrade (2005) afirma o seguinte, acerca da naturalização da ‘cultura do estupro’ em diversas camadas da sociedade:

[...] se tratando do estupro como um fenômeno estrutural presente nas relações sociais, pode ser esse concebido como uma violência controladora emanada historicamente nos mais diversos ambientes, tanto dentro da família, como na Igreja, no trabalho e no espaço público (ANDRADE, 2005 apud SOMMACAL e TAGLIARI, 2017, p. 250).

Por conseguinte, o Atlas da Violência (2017) afirma que:

Por ser um crime recorrentemente praticado, estima-se que 527 mil pessoas são estupradas por ano no Brasil, em um cenário de que a cada 11 minutos uma dessas é estuprada; e a mulher, mesmo figurando como metade da população, é o alvo majoritário da execução do delito, representando 89% das vítimas (IPEA, 2004; BUENO, 2015 apud SOMMACAL e TAGLIARI, 2017, p. 250).

Em concordância com o curta audiovisual brasileiro “Acorda Raimundo, acorda!”, disponível no Youtube, é possível afirmar que Raimundo é um clássico homem machista dos anos 1980 no Brasil, não muito diferente da contemporaneidade, o personagem carrega ideais opressores as mulheres. Durante um sonho, o personagem troca de papel social e experiencia o cotidiano de sua esposa, ou o ideal de como uma parceira deve ser e se comportar diante das obrigações domésticas, sobretudo com o seu marido.

Nesse devaneio, Raimundo passa pelos mesmos momentos infelizes que a maioria das mulheres brasileiras estão submetidas, como: parceiros abusivos; relacionamentos de subordinação e submissão; violência doméstica; dependência financeira e emocional, dentre outras violências. Após, finalmente Raimundo acordar desse “pesadelo” (adjetivo dado pelo personagem), ele ainda continua reproduzindo as mesmas atitudes machistas que o próprio sofreu no sonho, representando assim a demonstração de poder que ele teria, e certamente não iria abandonar.

CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO SEXUAL ÀS AVESSAS

Sendo assim, é entendido como fundamental problematizar essa espécie de “educação sexual” às avessas, promovida pela indústria pornográfica. Até porque, é possível considerar pelo menos em caráter preliminar, que a referida “educação sexual” perpetua o consumo de pornografia, fazendo com que a maioria das crianças, adolescentes e jovens cresçam com uma visão deturpada, tanto no que diz respeito às relações sexuais, quanto ao corpo da mulher.

Vale ressaltar, que os conteúdos pornográficos são cada vez mais utilizados como forma de “educação sexual”, estando ao alcance das mãos, por meio de dispositivos eletrônicos, tais como *tablets*, *smartphones* e computadores. Esse contato prévio acaba moldando as experiências sexuais de adolescentes e jovens, pois o que foi visto nos filmes com cenas de sexo sem consentimento de fato da mulher, assim como agressões (tapas, chutes e socos) é caracterizado como “excitante”, servindo de uma erotização da violência sexual, o que de acordo com o afirmado anteriormente, perpetua a “cultura do estupro”. O que também pode ser confirmado no trecho destacado abaixo, da reportagem de Maria Luzia Picolli:

Às vezes nem é preciso procurar. Basta um clique e pronto. Toda a sorte de conteúdo erótico, fácil e ilimitado na tela do smartphone. Entre os 10 países que mais consomem material adulto na Internet, o Brasil jamais teve acesso tão fácil à pornografia por públicos de todas as idades, incluindo crianças. Se antes o assunto, por si só, já levantava polêmica, a questão agora começa a virar problema já que, sem poderem controlar totalmente o acesso dos menores à pornografia, pais e educadores se deparam não apenas com o desafio de preservá-los desse esse tipo de exposição, mas também de combater os inúmeros equívocos em relação ao sexo transmitidos por meio desses conteúdos (PICOLLI, 2019, [s/p]).

Aliado a isso, há também uma precária ou quase inexistente educação sexual nas escolas de Educação Básica, o que é agravado quando tomamos como indicador, a baixa escolaridade média das famílias brasileiras, bem como o tabu ainda existente no Brasil em questões ligadas à sexualidade. Assim, o assunto não é discutido em casa pelos familiares ou pela escola com formalidade, provocando a desinformação de abusos sexuais, gravidez precoce, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), e corroborando para perpetuação do tabu, e mistificação da

sexualidade para os jovens que irão se tornar sexualmente ativos. A Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) explicita sobre a falta de educação sexual na vida jovem:

A SBU também abordou questões como sexualidade e os resultados foram preocupantes: somente 30% dos entrevistados conversam com frequência sobre o assunto com pais e familiares. Já 50% deles disseram que a escola também é um ambiente desconfortável para falar sobre o tema (CARVALHO, 2020 [s/p]).

Basta citar, a polêmica em torno do Projeto Escola sem Homofobia de 2004, criada pelo Ministério da Educação (MEC), o qual foi entendido por setores extremamente conservadores da Igreja Católica e das igrejas neopentecostais como uma forma de estimular a chamada “ideologia de gênero” e estímulo precoce à iniciação sexual. Essa polêmica foi retomada no processo eleitoral de 2018, quando o candidato vencedor alegou que tinham sido distribuídas para as escolas públicas brasileiras, uma cartilha apelida pejorativamente de *kit gay* e, um sem-número de “mamadeiras de piroca” para as crianças de creches municipais.

Não obstante, a questão da “educação sexual às avessas” precisa ser superada, fazendo com que progressivamente o imaginário social deixe de reforçar a objetificação do corpo da mulher e a erotização da “cultura do estupro”. Observou-se que, um dos esforços nessa linha foi feito no tocante à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual são propostas em sua emenda, as diretrizes de como deve ser implementada a educação sexual para os jovens, o que é exemplificado no quadro a seguir:

QUADRO – EDUCAÇÃO SEXUAL NA BNCC

Mecanismos Reprodutivos / Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> . (EF08CI07) Comparar diferentes processos reprodutivos em plantas e animais em relação aos mecanismos adaptativos e evolutivos. . (EF08CI08) Analisar e explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso. . (EF08CI09) Comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). . (EF08CI10) Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDS), e discutir estratégias e métodos de prevenção. . (EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética).
--	---

Fonte: Ministério da Educação (2021).

Porém, a implantação da BNCC, a qual é permeada por interesses econômicos da classe dominante elitista, tem como proposta principal, a formatação do ensino e da produção de conhecimento por conglomerados empresariais que não representam definitivamente, a pluralidade cultural das cinco regiões brasileiras.

Busca-se moldar o ensino dos jovens e a formação de professores, numa percepção arcaica e conteudista da educação, mas com um suposto “espírito democrático” e “moderno”. Dificultando, de fato, a professores e alunos, a produção de um pensamento crítico, a partir dos conteúdos selecionados, assim como promove a desestruturação das especificidades dos campos disciplinares, vide a organização curricular dos livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), do presente ano.

A Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE), que reúne sindicatos da categoria, apresentou forte oposição à BNCC, ao longo de todo o processo de sua discussão, tendo organizado “eventos paralelos” às audiências regionais do Conselho Nacional de Educação (CNE), os quais teriam sido apresentados “como forma de denúncia à tendência privatista da educação básica pública no Brasil e o empobrecimento do currículo das escolas” (MICHETTI, 2020). Para tanto,

[...] a redação do documento foi feita sem a participação social e há a necessidade de ser discutida a partir da escola, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e não de dentro do MEC [...]. O objetivo é que as reflexões, coordenadas pelas entidades populares, fomentem novo parâmetro na discussão da Base, com enfoque voltado à defesa intransigente da educação pública, de boa qualidade e socialmente referenciada, além de permitir a participação efetiva da sociedade civil organizada [...]. Os resultados dos debates, previstos para ocorrerem, ainda, em São Paulo e Brasília, vão gerar documento alternativo ao proposto pelo MEC (MICHETTI, 2020, p. 10).

Diante disso, regiões economicamente desfavorecidas sofrem mais com a precariedade das condições de ensino-aprendizagem, o que também gera impactos na oferta de conteúdos ligados à sexualidade humana, por conta de ser um tabu, da força política da Igreja e, da “família tradicional brasileira”, tal como pode ser evidenciada na afirmação da professora Morgana Ponte de Sousa do município maranhense de Codó, extraída da matéria do programa da Rede Globo – “Profissão Repórter”:

Em relação ao corpo humano, a gente trabalha mais no sétimo e oitavo ano. No sexto a gente fala sobre o planeta, sistema solar. Na escola a gente vai passar o conteúdo do corpo humano mais bem detalhado. Mas tem alguns pais que às vezes não aceitam. E às vezes as crianças chegam na sala e falam 'minha mãe não disse isso'. Então a gente tem que saber como vamos passar para eles. Tem que ser de uma forma delicada para que eles possam absorver o conhecimento, mas sem o lado maldoso”, afirma a professora (G1 / PROFISSÃO REPÓRTER, 2019).

Acredita-se que, a existência de educação sexual nas escolas contribui também para a prevenção e reconhecimento das crianças, adolescentes e jovens sobre situações de abusos, estupro e gravidez indesejada. Dessa forma, a Organização das Nações Unidas (ONU) classifica como um dos direitos humanos, a educação sexual para todos. A definição de educação sexual é definida da seguinte forma pela entidade:

Educação sexual é um programa de ensino sobre os aspectos cognitivos, emocionais, físicos e sociais da sexualidade. Seu objetivo é equipar crianças e jovens com o conhecimento, habilidades, atitudes e valores que os empoderem para: vivenciar sua saúde, bem estar e dignidade; desenvolver relacionamentos sociais e sexuais respeitosos; considerar como suas escolhas afetam o bem estar próprio e dos outros; entender e garantir a proteção de seus direitos ao longo da vida (UNAIDS [Guia técnico para educação sexual] apud POLITIZE!, 2019).

De acordo com a Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), nos anos de 2017-2020 foram registrados mais de 170 mil casos de estupro ou estupro de vulneráveis com vítimas de até 19 anos. Desse quantitativo, 80% das vítimas de violência sexual correspondem ao sexo feminino, ou seja, meninas.

Os dados também apontam que a idade mais frequente é aos 13 anos, e que a maioria dos casos de violência sexual contra essas crianças acontece dentro de casa, por parentes e pessoas próximas da família. Dessa forma, é notável que há no Brasil uma cultura de objetificação e desvalorização dos corpos femininos, ainda na infância, quando eles são desrespeitados e podem ser violentados por literalmente qualquer indivíduo.

Com isso, é visto a urgência de medidas de prevenção e ação as violências sofridas por essas crianças, como a não banalização da cultura do estupro, e uma educação que permita a reconhecer abusos e como pode se defender.

A proposta de uma educação sexual “formal” nas escolas e/ou no ambiente familiar, deve contar com liberdade, ser inclusiva, e sem pré-julgamentos como distinções de gênero, preconceitos raciais, e que também instrua o jovem na formação de sua identidade pessoal, autoconsciência e princípios individuais.

Com isso, uma educação sexual isenta de tabus criados pela sociedade, e misticismo sobre o sexo e a sexualidade, consegue promover informações cruciais para os jovens que iniciam sua vida sexual e posteriormente adulta. Esse jovem proverá de respeito ao próximo, entenderá sobre os malefícios e consequências sobre a objetificação de corpos, sobretudo corpos femininos, e terá menos chance de ocorrer uma gravidez indesejada e ISTs. Assim, uma educação sexual formal para os jovens terá grandes benefícios para a promoção da cidadania como um todo, e esses ensinamentos se estendem não somente para a vida sexual do indivíduo, mas sim em diversos âmbitos sociais em que essa pessoa estará inserida.

Desse modo, se faz necessário formar também os professores e pais dos jovens estudantes para que consigam ensinar de forma a não reproduzir preconceitos, e de modo que atenda às especificidades dos territórios onde esses indivíduos estão inseridos. E, para conseguir levar informação para as cinco regiões do Brasil, contando com pluralidade de perspectiva da realidade social é essencial incluir assuntos tais como: objetificação sexual, gravidez precoce e/ou indesejada, afirmação da identidade, entre outros.

Assim, no Caderno de Atividades – “Gênero e Diversidade na Escola” (CEPESC, 2009) é estabelecida a importância de ser debatida a educação sexual nas escolas:

A escola, portanto, tem papel fundamental na construção da identidade dos indivíduos, inclusive das identidades sexuais e de gênero, por ser um espaço privilegiado para o afloramento e a proliferação dos temas ligados à sexualidade e às questões de gênero, e não somente entre os/as alunos/as, mas também entre os/as professores/as. Apesar disso, ela vem silenciando sobre estas questões e ainda reproduz concepções essencialistas e biologicistas que ratificam a norma heterossexual e em nada ajudam no combate ao sexismo e à homofobia. A escola costuma silenciar também sobre agressões contra os/as homossexuais, ou mesmo heterossexuais que simplesmente fogem às regras [...]. (CEPESC, 2009, p. 48).

Além da falta e/ou inexistência de uma educação sexual formal que reflete para os jovens construção de identidade e próprios valores, como descrita anteriormente, é pertinente as questões que envolvem a construção de gênero e o que ela implica nas relações cotidianas e expectativas sociais.

Segundo o Caderno de Atividades: “Gênero e Diversidade nas Escolas (2009), o gênero corresponde à construção social dos sexos feminino e masculino, relativo à cultura em que esse indivíduo está inserido, ou seja, conforme a padronização do mundo ocidental no qual vivemos, existem regras estritas de como ser homem ou mulher na sociedade e também o que ela pode esperar de comportamento de acordo com o seu gênero.

Nesse sentido, essas “obrigações” determinadas por conta do gênero nos são ensinadas ao longo da vida, e ainda é nos posto uma expectativa social em que devemos atingir dependendo do sexo biológico, quando se refere ao feminino e sua iniciação da sua vida sexual e sexualidade, a mulher deve se comportar como “inocente”, e não deve se interessar pelo assunto sexual, mas sim apenas para o casamento heterossexual, aliado com o “dever de procriação” para a concepção de “felicidade plena”. Contudo, sem muitas perguntas específicas sobre o tema. Já para os homens, deverá se mostrar interessado o quanto antes, assim, sendo estimulado a iniciar sua vida sexual precocemente, e atender às expectativas de virilidade impostas pela sociedade patriarcal, além de se mostrar muito experiente sobre a questão sexual. Com efeito,

As atitudes recomendadas a rapazes e a moças podem variar conforme os costumes e os valores locais, mas ainda se recomenda à moça e se exige dela um comportamento afetivo-sexual diferente do desejado aos rapazes ou exigido deles. Esses modelos de comportamento sexual e social podem tornar-se verdadeiras prisões ou fontes de agudo sofrimento quando os rapazes e as moças não se encaixam nos estereótipos de gênero previamente designados. Qualquer inadaptação ou desvio de conduta corre o risco de ser duramente criticada/o ou discriminada/o socialmente (CEPESC, 2009, p. 25).

Informações divulgadas pela plataforma Pornhub, que oferece conteúdo pornô gratuito, indicam que o Brasil é o 8º colocado no mundo em número de visitantes por dia, com cerca de 200 milhões de acessos (PORNHUB TEAM, 2015). Em outras palavras, a sociedade brasileira é uma potência consumidora de materiais audiovisuais pornográficos, indicando que a estrutura social, é altamente afetada pelos ideais opressores as mulheres transmitidas nos conteúdos adultos, e

A normalização e a disseminação do consumo de materiais pornográficos acabaram gerando uma sociedade repleta de indivíduos adeptos e reprodutores de uma ideologia que inferioriza mulheres, e as pessoas muitas das vezes, desconhecem os efeitos nocivos e prejudiciais que causam e as influências que têm em suas relações afetivas, como a incitação de violência contra as mulheres, uma vez que a pornografia sexualiza e normaliza cenas de estupro, abusos e estereótipos de gênero.

Na indústria pornográfica, o maior investimento para produções audiovisuais, por serem mais lucrativas, correspondem àquelas heteronormativas, em que os homens têm o papel de performar a dominação do corpo da mulher, e por muitas das vezes há o uso de violência para conseguir esse feito, a menosprezando-a e também silenciando-a, normalizando assim, a “cultura do estupro”.

Na era da internet, cada vez mais aumenta a busca precocemente de adolescentes do sexo masculino pela pornografia, pois o jovem no início de descobrimento e desenvolvimento de sua sexualidade tem muita curiosidade sobre o sexo, e quando esse espaço de curiosidade não é preenchido de uma educação sexual adequada, o indivíduo procurará nos materiais pornográficos, e criará sua identidade sexual baseada no que está assistindo.

Assim, podemos refletir sobre os impactos na vida social desse jovem do sexo masculino que se educa pelas cenas dos materiais pornográficos:

As imagens tem um impacto profundo sobre nós. Isso não significa que um cara que se masturba vendo pornografia irá estuprar uma mulher. Mas os estudos mostram que no caso homens inclinados a praticar violência sexual, quanto mais pornografia eles assistirem, maior é a chance de eles cometerem crimes (BUSCATO, 2010).

Nos dias de hoje, a pornografia está intitulada como um problema em vários textos acadêmicos, e na constituição, mas não são tomadas ações efetivas para a mudança de cenário onde há a extinção de comercialização desse material. Primeiramente, pela incontestável movimentação de capital envolvido, mas também, e principalmente, pois a pornografia representa a sociedade e cultura na qual vivemos, machista, patriarcal, que valida violências de gênero, além de tratar assuntos como sexualidade e violência sexual como algo obscuro e que deve ser oculto (tabu).

METODOLOGIA

O presente estudo baseou-se na abordagem qualitativa e utilizou como estratégia inicial de pesquisa, o levantamento bibliográfico por meio da busca nas bases de dados Lilacs, Scielo e Google Acadêmico, tendo como referência os descritores “Indústria Pornográfica”; “Objetificação do Corpo da Mulher”; e, “Educação Sexual”.

No que diz respeito ao caráter empírico do estudo foi realizada uma pesquisa com o tema: “Indústria Pornográfica e objetificação do corpo da mulher”, junto a educandos(as) e educadores(as) do Curso Técnico de Nível Médio em Saúde (CTNMS) e/ou da Educação de Jovens e Adultos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV). Quanto aos educandos(as) participantes, a faixa etária esteve entre 18 e 24 anos, sendo do 3º ou 4º Anos. E, em relação aos(as) educadores(as), era necessário ter pelo menos cinco anos de atuação docente na referida instituição escolar.

Entende-se que a finalidade dessa pesquisa empírica esteve ligada aos seguintes aspectos:

- Descobrir como os participantes da pesquisa veem os papéis dos gêneros (perspectiva heteronormativa) e, como estes influenciam as relações sociais cotidianas;

- Identificar se os participantes da pesquisa tiveram educação sexual em casa, ou na escola (como e quando tiveram) e, como a falta ou existência influencia no consumo de material pornográfico;

- Analisar o entendimento dos participantes da pesquisa sobre a objetificação da mulher nos filmes pornô, se percebem ou não que essa problemática acarreta a perpetuação do patriarcado/machismo e, conseqüentemente, da misoginia e do feminicídio.

Entende-se também, que as entrevistas obtidas pelo Google Forms foram fundamentais para a elucidação de aspectos levantados com relação à pesquisa empírica, também chamada de “trabalho de campo”. Conforme Minayo et al. (1998):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou

coletiva (MINAYO et al, 1998, p. 57).

Cumprir informar, que todo o processo de pesquisa será guiado pela questão norteadora: **“Como a indústria pornográfica corrobora a objetificação do corpo da mulher?”**.

Informa-se ainda, que o estudo se dá no âmbito da iniciação científica do Ensino Médio e que, o trabalho de campo teve início somente após a qualificação do projeto de pesquisa e, aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa desta instituição.

. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo concluiu-se com a realização de 11 entrevistas virtuais com educadores(as) do Curso Técnico de Nível Médio (CTNMS) em Saúde e/ou da EJA Manguinhos da EPSJV e, também, 10 com educandos(as) da EPSJV, com mais de 18 anos de idade, em formato de questionário na plataforma do Google Forms, contendo 21 perguntas com 4 subdivisões, a saber: **A - DADOS GERAIS; B - PATRIARCADO E MACHISMO; C - EDUCAÇÃO SEXUAL E “EDUCAÇÃO PORNOGRÁFICA”; e, D - CONTATO COM MATERIAIS PORNOGRÁFICOS.**

RESPOSTAS DE EDUCADORES DO CTNMS E/OU DA EJA MANGUINHOS (EPSJV)

B) PATRIARCADO E MACHISMO

. Há atualmente, alguma relação entre a produção audiovisual pornográfica e o patriarcado / machismo? De que forma?

EDUCADOR 1: “No processo de objetificação da mulher, na submissão e desumanização das mulheres. Há a construção de um imaginário coletivo que trata os corpos das mulheres como mercadorias.”.

EDUCADOR 2: “A mulher nessas produções é colocada como um objeto que o homem pode usufruir sem a preocupação do sentimento”.

EDUCADOR 3: “Sim, a maioria das produções da indústria são centradas no prazer masculino. O homem chega ao orgasmo, a mulher não (na maioria das vezes)”.

EDUCADOR 4: “Não tenho elementos concretos para responder essa questão. Porém, acredito que sim, há uma relação estabelecida, uma vez que a nossa seja ainda pautada no patriarcado. O papel da mulher enquanto objeto sexual em diversos conteúdos expostos pela internet corrobora para a existência de uma relação machista em tais produções.”.

EDUCADOR 5: “Não sei responder.”.

EDUCADOR 6: “Claro que sim. Nesse tipo de produção a mulher é sempre colocada como mercadoria e a serviço do homem, saciando seus desejos.”.

EDUCADOR 7: “Sim. Através da publicidade, especialmente”.

EDUCADOR 8: “Há sim. A começar pela centralidade do prazer masculino nas produções, na idealização dos corpos (masculino e feminino), na objetificação e submissão da mulher nessas produções.”.

EDUCADOR 9: “Sim, os homens buscam com esses materiais pornográficos transformar as mulheres em objetos, deixá-las submissas, de forma a satisfazer seus desejos sem considerar a vontade delas. É importante considerar se a produção desse material está sendo prazeroso ou não para elas e não apenas para satisfazer os homens.”.

EDUCADOR 10: “Sim. A criação da produção pornográfica é muito pensada no público masculino. Contudo, as mulheres também consomem tal conteúdo e raramente são colocadas para avaliar ou trabalhar na produção, colocando o seu olhar na criação.”.

EDUCADOR 11: “Sim, penso que sempre houve. A mulher sempre foi objeto de desejo pornográfico para o bel prazer masculino. Observando produções midiáticas dos anos 1980, 1990 e 2000, podemos perceber claramente a objetificação e submissão da mulher, nos detalhes mínimos.”.

Nesta primeira questão, o objetivo era perceber se os participantes conseguiam enxergar os reflexos do machismo estrutural e do sistema patriarcal, presentes nas produções audiovisuais pornográficas. De fato, com exceção do Educador 5, as respostas revelam concordância no que diz respeito à existência dessa relação opressora quanto às mulheres na indústria pornográfica. Também é possível destacar, que os educadores expõem que há nesses materiais, a objetificação dos corpos femininos, a centralização do prazer masculino com vista à submissão das mulheres, como, por exemplo, o Educador 1 que em sua resposta apresenta que argumenta haver utilização dos corpos femininos como apenas “mercadoria”.

. O consumo de materiais pornográficos contribui para a objetificação do corpo da mulher e reforça estereótipos ligados à sexualidade feminina?

EDUCADOR 1: “Sim, na medida que a objetificação é um dos meios de reforço do machismo e do patriarcado, uma forma de mercantilização do corpo da mulher e reforço de relações de poder.”.

EDUCADOR 2: “Contribui plenamente”.

EDUCADOR 3: “Sim”.

EDUCADOR 4: “Sim. As produções acabam formando homens segundo padrões agressivos e opressores. A mulher como consumo do desejo incontrolável de um macho.”.

EDUCADOR 5: “Acredito que não. Existem muitos tipos de pornôs, e muita gente diferente que consome pornografia”.

EDUCADOR 6: “Penso que sim, pelo tipo de material que é produzido”.

EDUCADOR 7: “Sim”.

EDUCADOR 8: “Sim e não. O material pornográfico não inventou essa relação que existe desde que o mundo ocidental tomou forma pelo menos, mas é claro que tira partido e lucra muito com esses estereótipos e trabalha para reforçá-los.”.

EDUCADOR 9: “Acredito que sim.”.

EDUCADOR 10: “Creio que a pornografia atue na objetificação dos corpos de maneira geral,

na dimensão do prazer. A questão é que ela é consumida, devido à sociedade machista, muito mais por homens. Assim, acaba reforçando mais os estereótipos femininos, mas também reforça estereótipos masculinos.”

EDUCADOR 11: “Acredito que sim. Inclusive, é muito marcante a forma como o imaginário masculino parece ser tocado por elementos simples, como por exemplo, a roupa que uma mulher está usando. E, a meu ver, o fato de termos disponíveis materiais pornográficos para todos os gostos, incrementa negativamente o imaginário masculino, com relação à sexualidade da mulher.”

Desde a pergunta anterior, foi possível perceber que os educadores identificam a objetificação do corpo das mulheres nas produções audiovisuais pornográficas, porém, nesta pergunta o propósito era saber como o consumo livremente desses materiais refletem na sociedade e em parâmetros comportamentais machistas e opressores às mulheres.

O Educador 1 concorda que o consumo pode promover a objetificação dos corpos das mulheres por ser um meio de reprodução do machismo e patriarcado como forma de poder. Já o Educador 5, discorda que há relação entre a perpetuação de ideais machistas na sociedade devido em parte, pelo consumo demasiado de pornografia, bem como por existir variedade nos tipos das produções e pessoas.

De acordo com a resposta do Educador 5 é válido ressaltar, que na análise da resposta do Educador 10, há a identificação de que a sociedade na qual vivemos é machista, por conta de o consumo de materiais pornográficos ser feito majoritariamente por homens. Também pelo fato de que nos filmes é atendido geralmente, o imaginário masculino, além de se reforçar estereótipos ligados à sexualidade masculina, o que acaba gerando práticas de “masculinidade tóxica”. Esse termo pode ser explicado da seguinte forma:

A masculinidade tóxica é uma construção social, que define um conjunto de regras que determinam comportamentos específicos esperados de indivíduos do sexo masculino. Devido a isso, pode impactar negativamente a saúde e o dia a dia de muitas pessoas (ESTADÃO, 2020).

. Em caso positivo, acredita que os materiais pornográficos podem ser um meio para a perpetuação e agravamento do sexismo, misoginia e violência contra a mulher? *

EDUCADOR 1: “Sim, é um dos meios construídos historicamente e que ganhou força desde a década de 1970.”

EDUCADOR 2: “Concordo que os materiais pornográficos contribuem para a violência contra a mulher porque ela é encarada como um objeto sexual e não como uma relação de prazer.”

EDUCADOR 3: “A maioria dos vídeos produzidos pela indústria seguem um determinado roteiro. Violência à mulher tá muito presente, posições nitidamente desconfortáveis, correlação

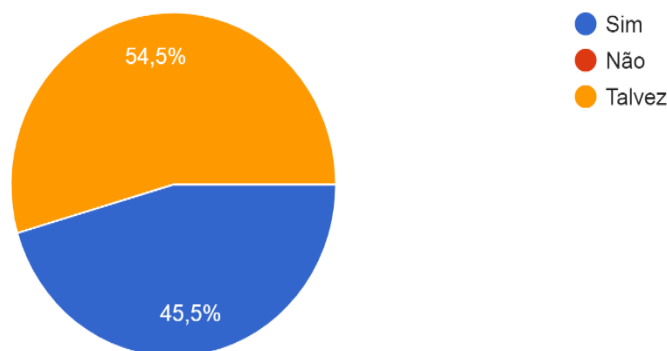
direta entre violência e prazer.”.
EDUCADOR 4: “Sim”.
EDUCADOR 5: “Depende muito do tipo de produção, mas pode sim.”.
EDUCADOR 6: “Acredito que sim.”.
EDUCADOR 7: “Sim”.
EDUCADOR 8: “O material pornográfico que se utiliza dessas ferramentas funciona como material de propaganda da misoginia e violência. Só gostaria de chamar a atenção para o fato de existir uma pornografia que é desviante que é centrada em outros valores e discute outras coisas. E muitos moralistas utilizam o discurso de combate à pornografia como um combate ao desejo sexual o que não é o caso.”.
EDUCADOR 9: “Sim, com isso as mulheres sempre serão vistas como algo descartável, que podem apanhar e satisfazer os desejos dos homens sem reclamar, e muitas vezes ainda, na visão deles, agradecer pelo fato de terem alguém para "cuidar" delas.”.
EDUCADOR 10: “Em uma sociedade machista e patriarcal, todos os aspectos serão mais focados na opressão do corpo feminino, pois é uma condição estruturante.”.
EDUCADOR 11: “Sim, pois muitas produções colocam a mulher em um lugar de objeto, que pode ser usado de qualquer forma.”.

De forma unânime nesta questão, os participantes afirmam que a indústria pornográfica pode ser um veículo para a legitimação de violência contra mulher, e naturalização da “cultura do estupro” com cenas de submissão da mulher e representações de prazer com tapas, socos etc., como o Educador 3 aponta em sua fala: “A maioria dos vídeos produzidos pela indústria seguem um determinado roteiro. Violência à mulher tá muito presente, posições nitidamente desconfortáveis, correlação direta entre violência e prazer.”.

C) EDUCAÇÃO SEXUAL E “EDUCAÇÃO PORNOGRÁFICA”

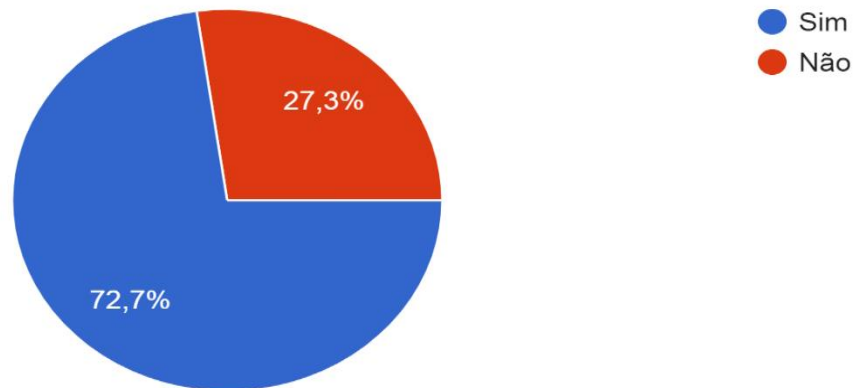
A falta de educação sexual formal nas escolas contribui para a procura de materiais pornográficos, como forma de ensino e esclarecimento de dúvidas?

11 respostas



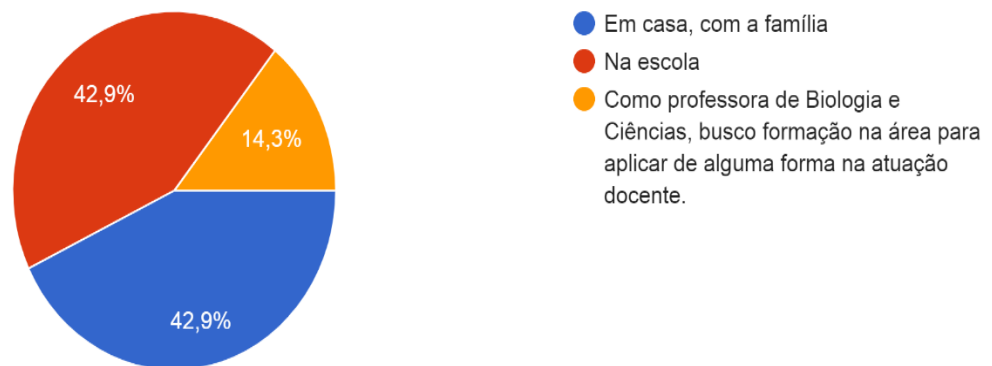
Já teve algum contato com educação sexual?

11 respostas



Se sim, onde?

7 respostas



Neste bloco, o objetivo era identificar se os participantes tiveram alguma experiência de educação sexual e, em caso positivo, como ocorreu, bem como qual foi o impacto em sua vida. Além disso, também se pretendeu analisar como os educadores veem a importância da existência de uma educação sexual escolar para crianças e jovens.

Observou-se que, os participantes concordam que a falta de educação sexual escolar contribui para a procura de materiais pornográficos. Com efeito, a maioria dos participantes teve algum contato com educação sexual na escola e em casa com a própria família.

. Você acredita que com a inclusão de educação sexual apropriada e informativa evitaria ou diminuiria os riscos de abuso sexual? *

EDUCADOR 1: “Sim, contribuiria”.

EDUCADOR 2: “A inclusão contribuiria para minimizar os riscos de abuso sexual”.

EDUCADOR 3: “Acredito que sim. Conhecer a si entender os limites ao corpo do outro”.

EDUCADOR 4: “Depende da educação sexual. Muitas ensinadas nas escolas apenas comentam as datas e pouco agregam ao assunto da sexualidade”.

EDUCADOR 5: “Sim. É importante o conhecimento do corpo, e até mesmo do que se pode ou não fazer com o corpo do outro.”.

EDUCADOR 6: “Evitar, penso que não, mas diminuir com certeza”.

EDUCADOR 7: “Sim.”.

EDUCADOR 8: “Sim, pois a educação sexual é sobre conhecimento do próprio corpo e desejo.”.

EDUCADOR 9: “Sim.”.

EDUCADOR 10: “Acredito, sobretudo na juventude.”.

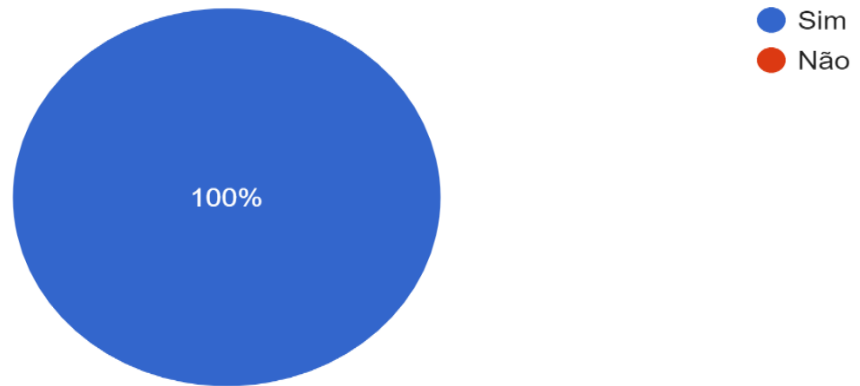
EDUCADOR 11: “Por certo. É extremamente necessário quebrar os tabus com relação ao sexo. Principalmente as crianças, precisam entender o que pode ser um potencial abuso, e aprenderem a não se calar diante de um fato sério como este.”.

O resultado de unanimidade sobre a inclusão de educação sexual apropriada e informativa era esperado, pois por serem educadores de jovens adolescentes de uma escola pública e federal, se deparam com diversas situações de vulnerabilidade do(as) educandos(as), que majoritariamente residem nas periferias da cidade e, provém de uma renda familiar baixa.

D) CONTATO COM MATERIAIS PORNOGRÁFICOS

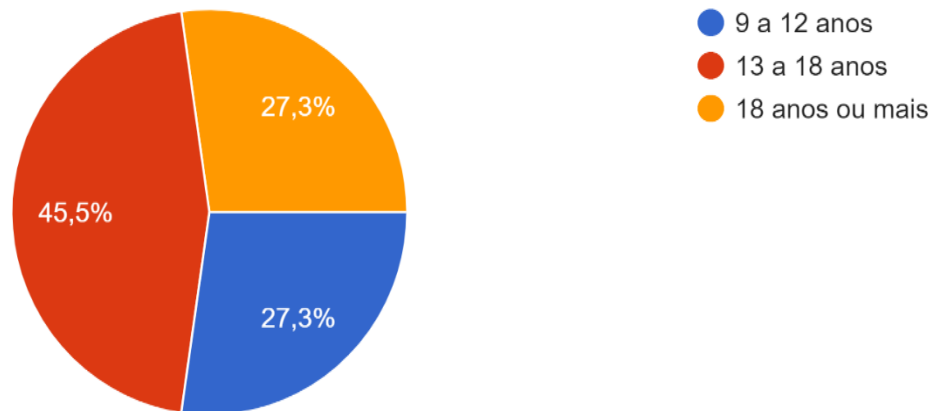
Já teve contato com materiais pornográficos?

11 respostas



Em caso positivo, em qual idade teve o primeiro contato?

11 respostas



Como previsto, todos os participantes já tiveram contato com materiais pornográficos. Conclui-se que na atualidade, a maioria das pessoas já tiveram acesso à pornografia, e que para esta faixa etária dos educadores (35-60 anos) esse contato é majoritariamente na adolescência e juventude.

Esse acesso neste intervalo de idade, pode ser explicado em razão dessa geração não ter tido anteriormente, acesso à internet, como meio de busca por pornografia, pois ainda não existia.

Com efeito, esses educadores para consumirem pornografia necessitavam comprar revistas nas bancas de jornais, DVD ou alugar filmes em locadoras. E, por não ser anônimo e privado como hoje em dia com a internet, era mais difícil de se ter o acesso e conseqüentemente este era mais “tardio”. Essa questão será discutida novamente abaixo, em comparação com as respostas dos(as) educandos(as).

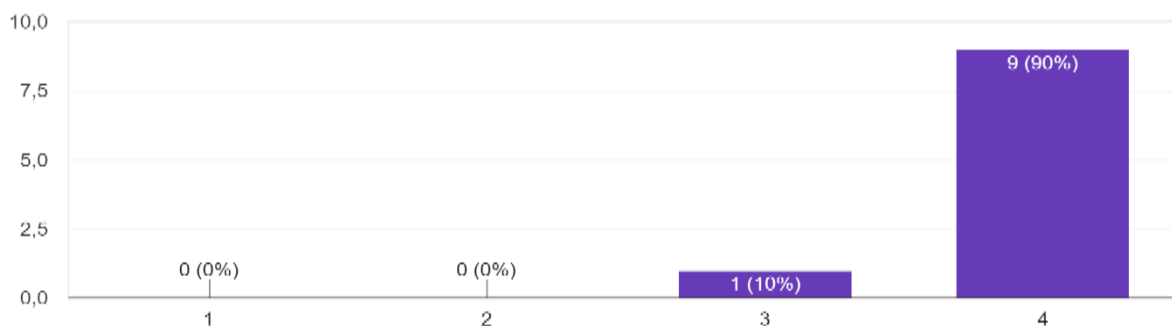
RESPOSTAS DE EDUCANDOS DA EPSJV

B) PATRIARCADO E MACHISMO

As produções audiovisuais pornográficas contribuem para a perpetuação do machismo e conseqüentemente do patriarcado?

As produções audiovisuais pornográficas contribuem para a perpetuação do machismo e conseqüentemente do patriarcado?

10 respostas



Legendas:

Extremidades: 1 (Discordo totalmente), 4 (Concordo totalmente)

. Por quê?

EDUCANDO 1: “Porque mostra que só o homem tem que ter prazer, enquanto a mulher não é possível ver isso claramente nos vídeos pornográficos. Que acaba refletindo essa sociedade patriarcal e machista.”.

EDUCANDO 2: “Pelo uso do corpo feminino como objeto e para suprir os desejos masculinos como prioridade.”.

EDUCANDO 3: “A pornografia contribui com o machismo, pois na maioria dos vídeos a mulher é submissa do homem.”.

EDUCANDO 4: “Porque sempre é demonstrado a ‘autoridade’ do homem em meio à produção

de pornografia, fora os inúmeros casos de abusos e maus tratos às mulheres (ocorrendo fora das câmeras).”.

EDUCANDO 5: “Sem resposta.”.

EDUCANDO 6: “Coloca em geral, as mulheres como pessoas vulneráveis aos homens”.

EDUCANDO 7: “Sim, pois o patriarcado é uma característica da pornografia audiovisual.”

EDUCANDO 8: “Dentro de uma produção pornográfica há, quase sempre, um ideal de submissão do corpo feminino aos desejos e apelos sexuais do sexo masculino, de tal forma a reproduzir um conceito de corpo feminino totalmente voltado para a satisfação dos desejos do homem.”.

EDUCANDO 9: “Acredito que essas produções objetificam o corpo da mulher, conseqüentemente aumentam o machismo na nossa sociedade.”.

EDUCANDO 10: “Acredito que o modelo padrão da indústria pornográfica seja extremamente machista e objetificador, sempre pondo a mulher numa posição degradante”.

Seguindo o mesmo padrão da primeira pergunta do questionário dos educadores, nesta questão o propósito era perceber se os educandos conseguiam perceber os reflexos do machismo estrutural e do sistema patriarcal, presentes nas produções audiovisuais pornográficas.

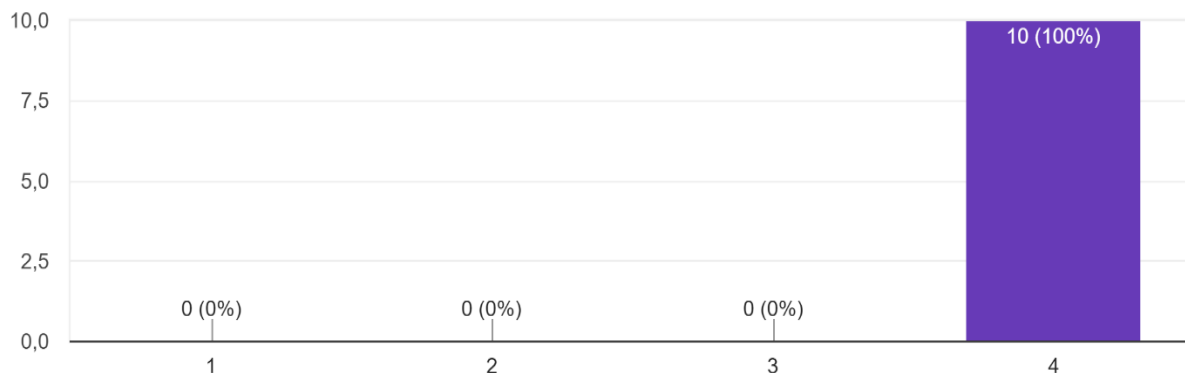
De acordo com o gráfico e com as respostas no quadro acima, podemos analisar que a maioria dos estudantes participantes da EPSJV identifica que há a reprodução de ideais machistas e opressores às mulheres nos filmes pornográficos, com a objetificação de seus corpos e sua posição de submissa aos homens durante as gravações, que demonstra ao consumidor dessa produção audiovisual a legitimação desses ideais.

A exemplo de compreensão dessa situação, o **Educando 1** elucida: “Porque mostra que só o homem tem que ter prazer, enquanto a mulher não é possível ver isso claramente nos vídeos pornográficos. Que acaba refletindo essa sociedade patriarcal e machista.”. Vale destacar, que apenas um estudante não respondeu a essa questão.

. Há objetificação dos corpos femininos na pornografia?

Há objetificação dos corpos femininos na pornografia?

10 respostas



Legendas:

Extremidades: 1 (Discordo totalmente), 4 (Concordo totalmente)

. Por quê?

EDUCANDO 1: “Porque nos vídeos focam totalmente nas mulheres mostrando-as em várias situações de objeto mesmo só para o prazer masculino. Sendo induzidas a fazer as mais diversas coisas que só o homem se favorece.”.

EDUCANDO 2: “Em sua grande maioria os conteúdos desse tipo utilizam o corpo feminino como forma de dar vida a imaginação masculina em prioridade.”.

EDUCANDO 3: “Concordo, pois, a grande maioria dos espectadores da pornografia é masculina. O homem ao consumir os vídeos eróticos vê a mulher como um objeto de prazer.”.

EDUCANDO 4: “Sim, a mulher é apenas vista como objeto em diversos vídeos pornográficos, visto que neles é presado apenas o prazer masculino, vendo assim a mulher como objeto de satisfação do prazer do homem.”.

EDUCANDO 5: “Sem resposta”.

EDUCANDO 6: “Sem resposta”.

EDUCANDO 7: “Acredito que os corpos femininos vistos na pornografia representam a idealização do corpo ideal.”.

EDUCANDO 8: “O objetivo final da pornografia é a própria objetificação do corpo, ao passo em que ela possui a proposta de agir como um artifício de prazer sexual, em geral para o público masculino.”.

EDUCANDO 9: “Eles usam desse fator para desenvolver projetos onde a mulher é vista como submissa e que não tem controle sobre seu próprio corpo.”

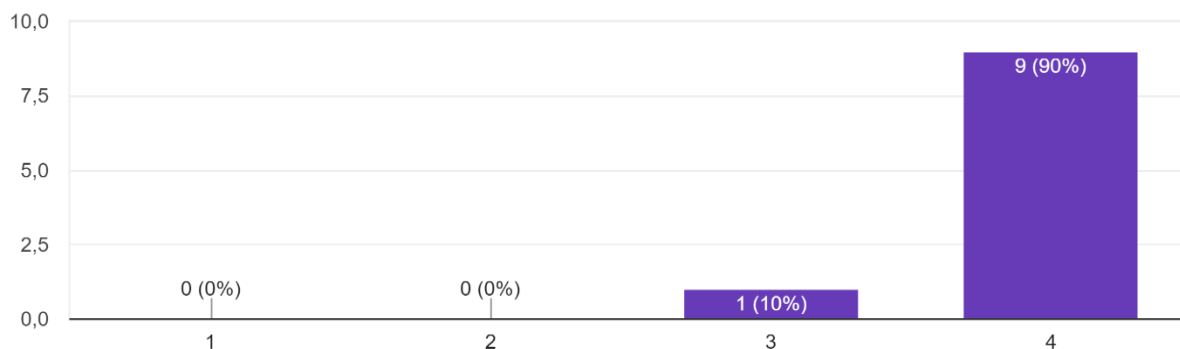
EDUCANDO 10: “A mulher na grande maioria é colocada como peça de puro prazer sexual, desumanizada”.

Como se pode notar desde a questão anterior, os estudantes identificam a posição objetificadora das mulheres nos filmes pornográficos, com 100% dos votos serem em “Concordo totalmente”. Na qual esses corpos femininos podem ser tratados como mercadoria, de pouco valor inclusive, onde há a centralização do prazer e as vontades do masculino sobre esse corpo, além de mostrar uma idealização de características físicas que não são reais, ditando padrões de beleza e também comportamentais praticamente impossíveis de serem seguidos, como o **Educando 7** salienta.

. O consumo da pornografia influencia nas relações sexuais e na determinação dos papéis de gênero?

O consumo da pornografia influencia nas relações sexuais e na determinação dos papéis de gênero?

10 respostas



Legendas:

Extremidades: 1 (Discordo totalmente), 4 (Concordo totalmente)

. Por quê?

EDUCANDO 1: “Sim, porque a pessoa vai reproduzir o que viu e sabemos que só o homem se favorece (pelo menos no porno hétero) e é protagonista da relação sexual.”.

EDUCANDO 2 “A forma retratada pelos conteúdos induz as pessoas a agirem como se aquilo fosse o ideal, tirando toda a humanidade da ação.”

EDUCANDO 3: “Concordo, pois normalmente a pornografia é meio que um “parâmetro” para sexo na cabeça de quem consome.”.

EDUCANDO 4: “Sim, acredito que inúmeras pessoas que já consumiram conteúdo sexual na

internet tenha uma visão sobre a experiência sexual totalmente fora da realidade, já que o que é mostrado em vídeos/filmes não é realista. Vídeos pornográficos não passam as inúmeras experiências sexuais capazes de existir, em sua maioria é só sexo com penetração de um casal hétero, a qual o homem é o dominante do ato e isso não representa toda forma de sexo.”

EDUCANDO 5: Sem resposta.

EDUCANDO 6: Sem resposta.

EDUCANDO 7: “O consumo da pornografia faz com que as pessoas desejem ter aquilo que estão vendo, logo se torna um ato de influência nas relações sexuais.”.

EDUCANDO 8: “A forma com que as relações sexuais se estabelecem em um filme pornô dão base para uma estrutura comportamental que extrapola para a realidade concreta, em que o ideal de submissão feminina ganha força.”.

EDUCANDO 9: “Sim, pois torna como uma visão única de prazer, em que torna um padrão para as relações sexuais, excluindo o fato de corpos serem diferentes, por exemplo.”.

EDUCANDO 10: “Uma pessoa que está em desenvolvimento sexual consumir conteúdos sexuais desse tipo influência completamente na sua formação baseado no conteúdo que ela assiste”.

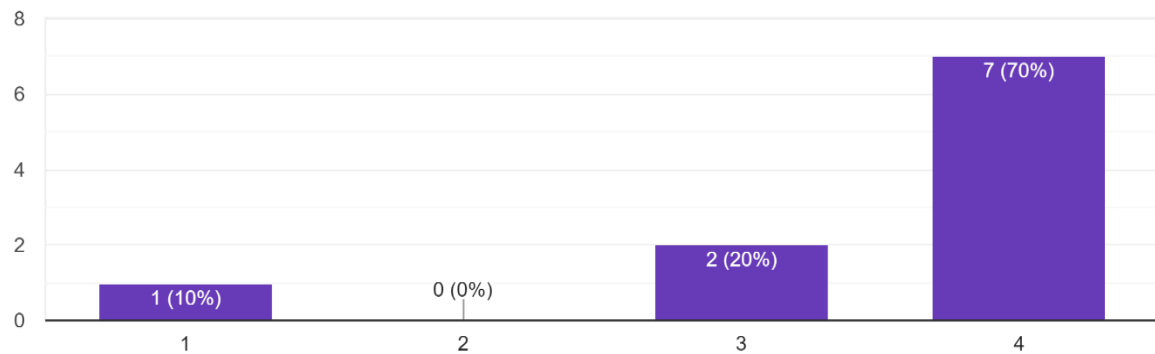
Com essa indagação, foi buscado observar se os estudantes reconheciam a influência que as produções audiovisuais pornográficas determinam na construção de papéis de gênero. De fato, a maioria dos participantes escolheram a posição na escala em “Concordo totalmente”, provando que os alunos da EPSJV têm noção que a indústria pornográfica pode ser um meio para perpetuação dos modelos patriarcais e machistas dos papéis de gênero e suas expectativas sociais.

Na pornografia, essas expectativas sociais correspondem a posição subalternizada das mulheres, e sua plena submissão aos homens no ato sexual, e em como sua sexualidade como mulher deve ser anulada em função de apenas dar prazer. O **Educando 8** consegue dialogar perfeitamente com essa argumentação ao explicar: “A forma com que as relações sexuais se estabelecem em um filme pornô dão base para uma estrutura comportamental que extrapola para a realidade concreta, em que o ideal de submissão feminina ganha força.”.

. A produção audiovisual pornográfica poderia estimular a cultura do estupro em relação às mulheres?

A produção audiovisual pornográfica poderia estimular a cultura do estupro em relação às mulheres?

10 respostas



Legendas:

Extremidades: 1 (Discordo totalmente), 4 (Concordo totalmente)

. Por quê?

EDUCANDO 1: “Porque as mostra como submissas e objetos que podem ser usados quando os homens querem, como se fossem só para isso...”.

EDUCANDO 2: “Como a indústria pornográfica objetifica o corpo feminino, demonstra que o corpo feminino é algo para o proveito do homem. Dessa forma, muitos homens veem mulheres como objetos para seu próprio prazer, sem considerar qualquer sentimento e consentimento da mulher.”.

EDUCANDO 3: “Concordo, mas n tenho uma opinião formada.”.

EDUCANDO 4: “Sim, existem inúmeros vídeos a qual homens têm relações sexuais com mulheres desacordadas, o que estimula a cultura do estupro, já que não há o consentimento de ambas as partes.”.

EDUCANDO 5: Sem resposta.

EDUCANDO 6: Sem resposta.

EDUCANDO 7: “Acredito que na pornografia existe muitos casos envolvendo menores de

idade, mas o indivíduo deve ter a consciência de que está dando visualizações para um crime.”.

EDUCANDO 8: “Ao passo em que este tipo de filme busca trazer o ideal de uso indiscriminado do corpo feminino, há o surgimento de uma semente de legitimação do assédio sexual e estupro.”.

EDUCANDO 9: “Sim, pelo mesmo motivo de tentarem vender que a mulher não tem controle de seu corpo e deve servir como instrumento de prazer.”.

EDUCANDO 10: “Não é difícil achar na internet até mesmo títulos que incitam o estupro, ou até mesmo a encenação simulando estupros, e além disso, mesmo os vídeos “normais” já são bastante perturbadores em relação a esse tema.”.

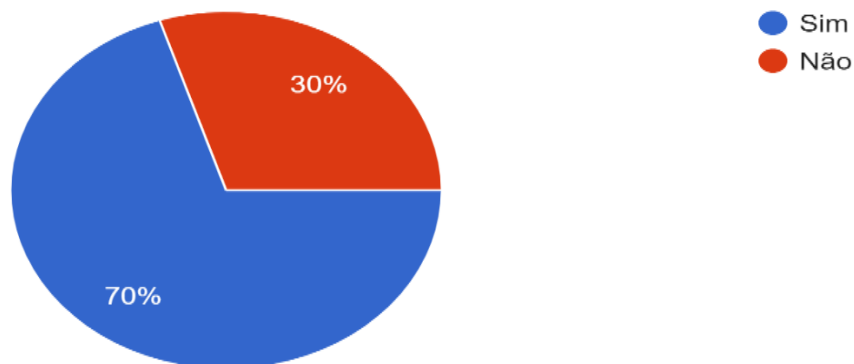
Como uma das perguntas motivadoras para este estudo, essa questão foi apresentada aos estudantes para analisar se eles, como jovens, que usam desse material para recreação, identificam o potencial que a indústria pornográfica pode desenvolver de violência contra a mulher, e conseqüentemente a legitimação da cultura do estupro.

As respostas não representam unanimidade, ou seja, nem todos os alunos identificam o potencial de influência opressora que a pornografia pode transmitir em seus filmes. Porém, é analisado que a maioria dos educandos, sendo 70% dos votos em “Concordo totalmente”, está de acordo com a prerrogativa de que a pornografia pode ser um veículo estimulador de violência, não somente contra mulheres, mas também com crianças, animais, LGBTQIA+, e entre outros grupos.

C) EDUCAÇÃO SEXUAL E “EDUCAÇÃO PORNOGRÁFICA”

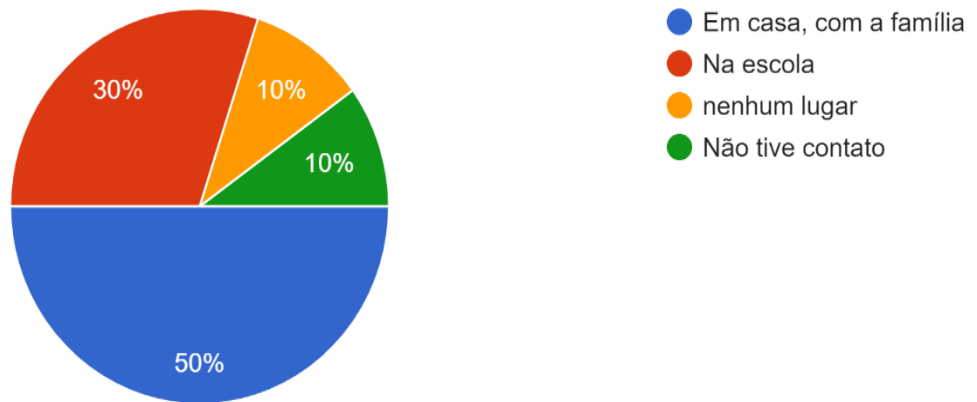
Já teve algum contato com educação sexual?

10 respostas



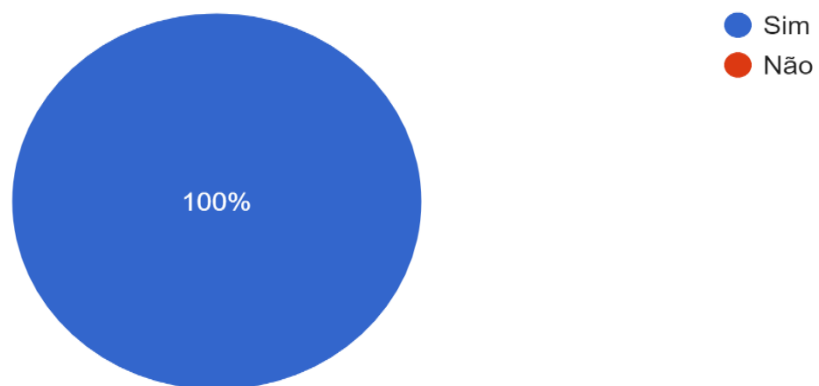
Se sim, onde?

10 respostas



Caso não tenha tido contato com educação sexual, gostaria de ter tido?

10 respostas



. Caso não tenha tido contato com educação sexual, gostaria de ter tido?

. Por quê?

EDUCANDO 1: “Porque é importante eu saber sobre os limites que as pessoas precisam ter em relação ao meu corpo, os métodos contraceptivos e ISTs.”.

EDUCANDO 2: “A educação sexual vai muito além do ato sexual. É importante para se conhecer e conhecer seus próprios limites. Assim, respeitando seu próprio corpo e o do outro também.”.

EDUCANDO 3: “Acho importante.”.

EDUCANDO 4: “A educação sexual informa mais do que apenas o básico de uma aula de biologia. Abrange um conhecimento sobre a diversidade, a sexualidade, abuso sexual, prevenção a gravidez e/ou doenças, etc. Gostaria de poder ter contato com essas informações antes, já que a conhecimento é importante em todas as áreas, principalmente quanto todo tipo de educação.”.

EDUCANDO 5: Sem resposta.

EDUCANDO 6: Sem resposta.

EDUCANDO 7: “Se a educação sexual fosse mais presente na vida dos brasileiros, muitos indivíduos teriam uma melhor qualidade de vida, a exemplo a prevenção da gravidez na adolescência.”.

EDUCANDO 8: “A educação sexual serve como instrumento, basicamente, de entendimento do próprio corpo e do corpo alheio, além de seus limites. Ter isto em mente forma um senso de respeito e cumplicidade para com o espaço pessoal e sexual do ‘eu’ e do ‘outro’.”.

EDUCANDO 9: “Acredito que a educação sexual se tornou cada vez mais importante nos tempos atuais.”.

EDUCANDO 10: Sem resposta.

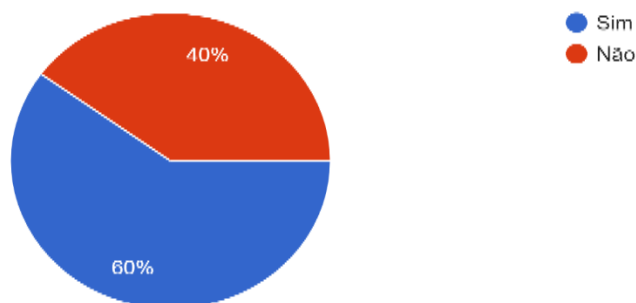
Neste bloco, o objetivo era identificar se os estudantes tiveram alguma experiência de educação sexual e, em caso positivo, como ocorreu, bem como qual foi o impacto em sua vida. Além disso, também se pretendeu analisar como os educandos veem a importância da existência de uma educação sexual escolar para o seu desenvolvimento pessoal.

De acordo com os gráficos apresentados acima, a maioria dos estudantes tiveram algum contato com educação sexual, e no lugar eles relataram que foi em casa com a família. Os alunos que o contato foi no âmbito escolar apenas correspondem 30% dos participantes dos que responderam ter recebido uma educação sexual. E, 20% dos entrevistados responderam que não tiveram nenhum contato com educação sexual.

Em unanimidade, todos os participantes responderam que gostariam de ter tido contato com educação sexual, provando que esse tema é relevante na vida dos jovens. Ao serem indagados para responderem qual seria a motivação para eles quererem ter contato com uma educação sexual, os estudantes relatam que há necessidade dessa informação ser compartilhada aos jovens, para conhecerem e descobrirem sua sexualidade, para a prevenção de ISTs e contracepção, respeitarem ao seu corpo e ao do próximo.

. Já usou os materiais audiovisuais pornográficos para obter conhecimento e esclarecer dúvidas?

Já usou os materiais audiovisuais pornográficos para obter conhecimento e esclarecer dúvidas?
10 respostas



. Por quê?

EDUCANDO 1: “Ninguém nunca me falou sobre prazer, estímulo sexual e outras coisas relacionadas a isso, sempre foi "se você engravidar vai acontecer isso aquilo...". “Sempre foi um tabu.”.

EDUCANDO 2: “Falta de informação e cultura social.”.

EDUCANDO 3: “Concordo, pois normalmente a pornografia é meio que um ‘parâmetro’ para sexo na cabeça de quem consome.”.

EDUCANDO 4: “Não, vídeos pornográficos não retratam a realidade, já sim fiz pesquisas pela internet, mas não com conteúdos audiovisuais.”.

EDUCANDO 5: “Pois na minha casa sempre tivemos uma abertura muito grande para conversar sobre esses assuntos.”.

EDUCANDO 6: Sem resposta.

EDUCANDO 7: “A pornografia chega na vida dos jovens como um material explícito, sendo assim faz com que desperte curiosidade na adolescência.”.

EDUCANDO 8: “Não acredito que este tipo de conteúdo audiovisual possua cunho elucidativo ou educativo de qualquer natureza relevante.”.

EDUCANDO 9: “Por falta de orientação.”.

EDUCANDO 10: “Apenas por prazer.”.

Como esperado, a maioria dos jovens responderam terem tido consumido pornografia para o esclarecimento de dúvidas sobre sexo e sexualidade. Porém, houve diálogos de oposição interessantes.

A partir das argumentações desenvolvidas no **Capítulo 2 – “Educação Sexual às Avessas”**, podemos considerar que o **Educando 1** com a fala: “Ninguém nunca me falou sobre prazer, estímulo sexual e outras coisas relacionadas a isso, sempre foi "se você engravidar vai

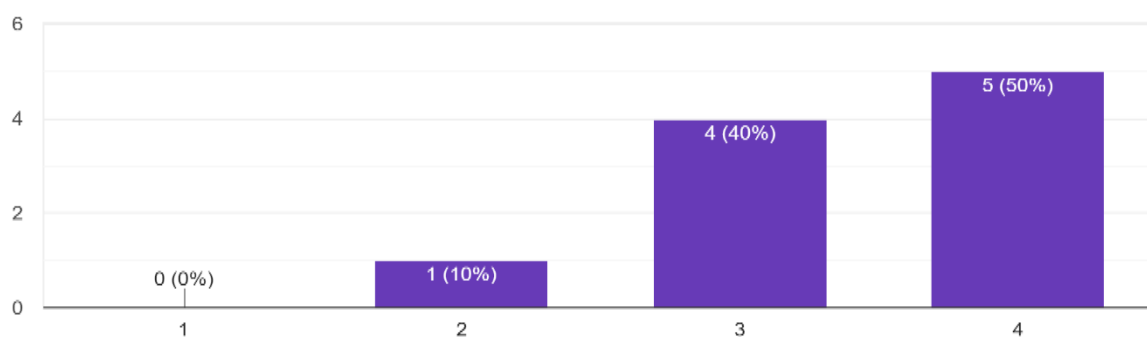
acontecer isso aquilo...”. “Sempre foi um tabu.” consegue representar o tipo de educação sexual que a maioria dos jovens tiveram nas últimas décadas, de pouco cunho informativo, mas sim de uma tentativa de desestimular o desenvolvimento de sexualidade por meio de ameaças de ocorrer algo ruim, como uma gravidez.

Contudo, também podemos explorar os diálogos de oposição, dos alunos que não procuram ou já procuraram suprir seus questionamentos através da pornografia. O **Educando 5** consegue nos descrever que na sua realidade familiar há uma boa relação de diálogo, e que suas curiosidades foram respondidas pela sua família, uma realidade que deve aumentar a partir de algumas gerações para frente que entendem que na atualidade é necessário quebrar os tabus.

. A falta de educação sexual formal nas escolas contribuiria para a procura de materiais pornográficos, como forma de ensino e esclarecimento de dúvidas?

A falta de educação sexual formal nas escolas contribuiria para a procura de materiais pornográficos, como forma de ensino e esclarecimento de dúvidas?

10 respostas



Legendas:

Extremidades: 1 (Discordo totalmente), 4 (Concordo totalmente)

. Por quê?

EDUCANDO 1: “Acredito que sim, até porque, sempre chega essa fase da vontade de descobrir o que é cada coisa e sentir essas coisas. A partir do momento que a pessoa não tem a quem recorrer ela vai descobrir de alguma forma e infelizmente veem esses tipos de materiais.”

EDUCANDO 2: “Com a falta de um profissional auxiliando o conhecimento sobre o corpo em relação ao sexual, induz o adolescente a procurar em locais onde sua criação de pensamentos sobre o assunto se torna errada.”.

EDUCANDO 3: “Concordo, pois os vídeos pornôns se tornam uma forma mais fácil e prática de ‘conhecimento’.

EDUCANDO 4: “Há sim quem tenha contato a educação sexual dentro de casa, todavia, nem todos tem esse privilégio e com a falta dessa educação nas escolas, a internet é o meio mais acessível para todos, e infelizmente, o conteúdo audiovisual é o primeiro em inúmeros guias de busca.”.

EDUCANDO 5: “Acredito que sim, pois na maioria das casas esse assunto ainda é um tabu então a grande maioria as pessoas acabam tirando as suas dúvidas na internet, usando até mesmo a pornografia como um exemplo. Imagino que se esse assunto fosse tratado nas escolas a procura por pornografia diminuiria bastante.”.

EDUCANDO 6: Sem.

EDUCANDO 7: “Porque o jovem não tem conhecimento acerca dos males pornográficos, logo irá consumir o conteúdo”.

EDUCANDO 9: “Pelo fato de não obter informações simples.”.

EDUCANDO 10: “Concordo, mas não totalmente, acho que a falta da educação sexual provocaria sim, mas não necessariamente.”.

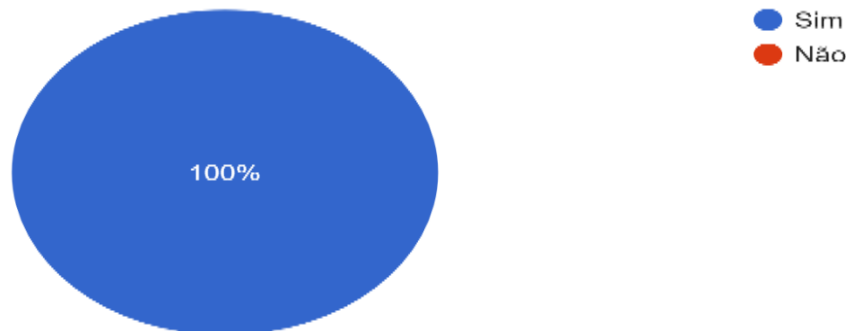
Como podemos observar a partir do gráfico apresentado acima, se obteve um resultado positivo a partir das respostas dos estudantes, com a prevalência de votos nas posições 3 e 4, mais próximas da opção “Concordo totalmente”. Dessa forma, pode se concluir que os educandos da EPSJV concordam que o consumo de pornografia, por muitas das vezes, provoca uma educação sexual às avessas aos jovens, por não terem entendimento pleno e sem suas curiosidades supridas por conta da ineficiência ou inexistência de educação sexual apropriada e informativa.

D) CONTATO COM MATERIAIS PORNOGRÁFICOS

. Já teve contato com materiais pornográficos?

Já teve contato com materiais pornográficos?

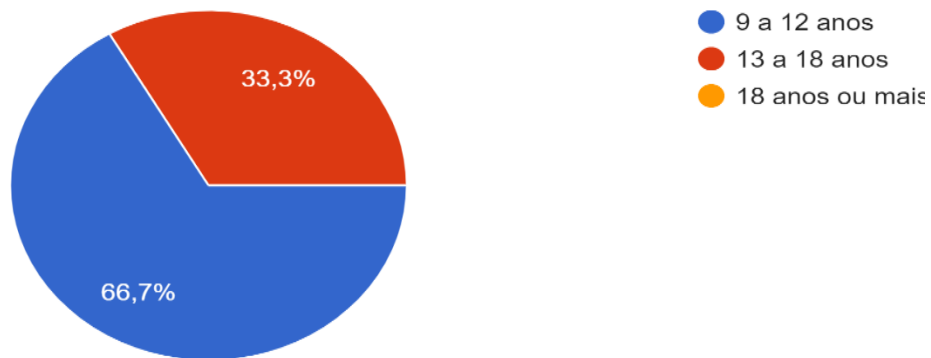
9 respostas



. Em caso positivo, em qual idade teve o primeiro contato?

Em caso positivo, em qual idade teve o primeiro contato?

9 respostas



Assim como os educadores, a maioria dos educandos também já tiveram contato com materiais pornográficos, representando 100% do gráfico apresentado acima.

Retomando a análise das respostas a pergunta “**Em caso positivo, em qual idade teve o primeiro contato?**”, dos educadores, eles responderam, em maioria, que tiveram o primeiro contato dos 13 aos 18 anos, quando botamos em comparação com os alunos da EPSJV vemos que esse acesso está ocorrendo mais cedo, pois a opção mais votada se configura na faixa etária de 9 a 12 anos.

Esse resultado pode ser explicado pelo surgimento da internet, e seu acesso precoce das últimas gerações, que inevitavelmente acabam acessando e consumindo pornografia mais cedo devido a facilidade de alcance.

Dessa forma, é possível afirmar que, a pesquisa de campo foi de grande valia para compor o presente estudo, pois comprova que a indústria pornográfica não representa apenas recreação para a sociedade, mas sim corrobora para a alimentação de um sistema gigante que é o patriarcalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a revisão bibliográfica realizada em torno do tema – Indústria Pornográfica”, foi possível perceber que os fatos históricos para a construção do patriarcado, o machismo estrutural e a “deficiência” de educação sexual no âmbito escolar dialogam com o estudo proposto.

Entende-se que foi demonstrada com a realização da pesquisa de campo, a existência de correlação entre objetificação do corpo da mulher e os reflexos da dominação patriarcal, nas produções audiovisuais pornográficas,

A partir da análise das entrevistas, foi observado que a maioria dos entrevistados concordam que há o reforço dos estereótipos machistas de dominação masculina sobre as mulheres. É válido citar novamente Laqueur (2001), o qual afirma que a dominação masculina e a imposta submissão feminina, permeia a sociedade desde o século XIX, inclusive, por teorias da medicina determinada pela fisiologia, a expectativa social de homens e mulheres, sendo que os indivíduos do sexo feminino são fadados a serem passivos e controlados.

Ademais, pode se notar que a pornografia não se reduz apenas a um objeto de recreação (majoritariamente ao público masculino), mas sim um veículo de padrões comportamentais machistas e sexistas, onde há a validação da violência contra a mulher, mercantilização de corpos femininos, produzindo padrões irreais de beleza e relações sexuais. E que o consumo desse conteúdo na fase de desenvolvimento pessoal e sexual do indivíduo acaba por ensinar esses ideais, fazendo com que sejam reproduzidos na vida sexual.

A partir da discussão da legitimação da cultura do estupro nos filmes pornográficos apresentada no **Capítulo 2**, podemos relacionar as estatísticas de sua incidência levantadas pela UNICEF, as quais correspondem com o diálogo apresentado pelos entrevistados sobre este assunto. Isto porque, os participantes argumentam que a pornografia reforça a ideia de que a mulher não tem controle de seu próprio corpo, podendo e/ou devendo fornecer a sua “livre disponibilidade de uso” aos homens. Sendo assim, essa característica dos filmes pornôs validam o estupro e o assédio.

Com efeito, nota-se que a fala dos estudantes sobre a falta de uma educação sexual informativa e livre de tabus no seu desenvolvimento pessoal e sexual está de acordo com o pronunciamento da SBU, na qual os jovens não tem um espaço adequado e confortável para

discutir as questões de sexualidade. O que os leva a concordar, que há a procura de materiais pornográficos para suprir essa necessidade de conhecimento.

A pesquisa de campo indicou que os acessos à pornografia estão sendo realizados cada vez mais cedo, devido ao surgimento da internet. Isto porque, qualquer criança inserida no mundo digital consegue assistir pornografia, absorvendo todas aquelas ideias opressoras em relação às mulheres, ou seja, aprendendo as determinações dos papéis de gênero, uma perspectiva que provavelmente reproduzirão, caso não tenham outro tipo de informação.

Por fim, com a realização da pesquisa de campo pode-se responder à questão norteadora ***“Como a indústria pornográfica corrobora para a objetificação do corpo da mulher?”***, as produções audiovisuais pornográficas apresentam reflexos do machismo estrutural e patriarcado, que tem como base a objetificação e dominação do corpo feminino.

Logo, a indústria pornográfica consegue lucrar, a partir da acentuação desses ideias opressoras aos corpos femininos, legitimados pela sociedade com a “cultura do estupro”, ainda assim, perpetuando a determinação dos papéis de gênero e relações de poder, os quais foram historicamente criados para subalternizar a figura feminina aos homens.

7. REFERÊNCIAS

ADULT VIP. *PornHub: As categorias mais acessadas*. Publicado em 07 out.2019. Disponível em: <<https://adulto.vip/pornhub-as-10-categorias-mais-acessadas/>>. Acesso em 23 set. 2021.

ANDRADE, V. R. de. A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. *Revista Sequência*, Florianópolis, v. 26, n. 50, p. 71-102, jul. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15185/13811>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

BARROS, P. E.; BARRETO, R. M. Corpo negro e pornografia: A fantasia do negro pauzudo. *BAGOAS*, n. 19, p. 301-315, 2018.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Base Nacional Comum Curricular (Ciências - 8a. Série do Ensino Fundamental)*. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/ciencias-no-ensino-fundamental-anos-finais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

BRIDGES, A. J.; WOSNITZER, R.; SHARRER E.; SUN, C.; LIBERMAN, R. Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content Analysis Update. *Violence Against Women October*, n.16, p.1065-1085, 2010.

BUSCATO, M. *Pornografia aumenta violência sexual contra mulheres e crianças, diz socióloga americana*. Publicado em: 08 jul. 2010. Disponível em: <<https://feminismo.org.br/pornografia-aumenta-violencia-sexual-contra-mulheres-e-criancas-diz-sociologa-americana/1699/>>. Acesso em: 29 out. 2021.

CARVALHO, P. *Saúde do adolescente piorou na pandemia e 76% tiveram afastamento social*. Publicado em: 27 set. 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/27/sbu-saude-do-adolescente-piorou-na-pandemia-e-76-teve-afastamento-social.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 27 set. 2021.

CASTRO, F. L. de; CRESPO, J. Pornô Cultural: da concepção pornográfica como Indústria Cultural ao movimento Feminista Pornô. *pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura*, Ano 8, n.14, out.2017-mar., p.90-104, 2018.

CERQUEIRA, D. e COELHO, D. de S. C. *Estupro no Brasil: uma radiografia segundo os dados da Saúde*. [Nota Técnica, nº 11 - versão preliminar]. Brasília: IPEA, 2014.

CEPESC. *Gênero e Diversidade na Escola - Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. [Caderno de Atividades]. Rio de Janeiro: CEPESC, 2009.

CONSCIENT PRODUCTIONS. *Homens e Mulheres (Série Ecce Homo – Episódio 23)*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t6kqS_eebyQ&t=722s>. Acesso em: 08 jun. 2021.

D'ABREU, L. C. F. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres *Psicologia & Sociedade*, vol.25, n.3, p. 592-601, 2013.

DICIO - DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Prostituição [verbetes]*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/prostituicao/>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

DIOP, C. A. *A unidade cultural da África negra: esferas do patriarcado e do matriarcado na Antiguidade Clássica*. Angola: Pedago, 2014.

DRUMONT, M. P. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, São Paulo, vol.3, p. 81-85, 1980.

ESTADÃO. Os efeitos da masculinidade tóxica na saúde do homem. Publicado em: 15 jan. 2020. Disponível em: <<https://summitsaude.estadao.com.br/desafios-no-brasil/os-efeitos-da-masculinidade-toxica-na-saude-do-homem/#:~:text=A%20masculinidade%20t%C3%B3xica%20%C3%A9%20uma,a%20dia%20de%20muitas%20pessoas>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EVANS, A. *Cretan Pictographs and Prae-Phoenician script*. Bernard Quaritch, 1895.

_____. Knossos. Summary Report of the Excavations in 1900: I. The Palace. *The Annual of the British School at Athens*, 6, p. 3-70, 1899/1900.

_____. *The Palace of Minos at Knossos (Vol. 3)*. MacMillan, 1930.

_____. *The Earlier Religion of Greece in the light of Cretan Discoveries*. Macmillan, 1931.

_____. *The Minoan World. Lecture at the Royal Academy of Arts*. Oxford UP, 1936.

FRAZER, J. G. *The Golden Bough*, 1890.

FEDERICI, S. *Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Trad.: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, S.; FORTUNATI, L. *Il Grande Calibano. Storia del corpo sociale ribelle nella prima fase del capitale*. Milão: Franco Angeli Editora, 1984.

G1. PROFISSÃO REPÓRTER. *Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação*. Publicado em: 27 jun. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2019/06/27/educacao-sexual-ainda-e-tabu-no-brasil-e-adolescentes-sofrem-com-a-falta-de-informacao.ghtml>>. Acesso em: 05 jun. 2021.

- GAGE, M. J. *Woman as an Inventor. The North American Review*, 136(318), 478- 489, 1883.
- GAMBLE, E. B. *The Evolution of Woman*. G. P. Putnam's Sons, 1894.
- GUERRA, L. G. Pequeno histórico do 'matriarcado' como hipótese para a interpretação da Pré-História [II Dossiê]. *Mare Nostrum*, v. 12, n. 1, p.1-25, 2021.
- GIMBUTAS, M. *The Language of the Goddess*. Harper & Row, 1989.
- GONZALES, L. *Primavera para as rosas negras*, Diáspora Negra, 2018.
- HARRISON, J. E. *Prolegomena to the study of Greek Religion*. Cambridge UP, 1903.
- HAWKES, J. *A Land*. Cresset, 1951.
- _____. *Dawn of the Gods*. Random House, 1968.
- HAWKES, J., & Priestley, J. B. *Journey Down a Rainbow*. William Heinemann, 1955.
- JÚNIOR, J. L. *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia "bizarra" como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.
- LAQUEUR, T. Da linguagem e da carne. In: LAQUEUR, T. *Inventando o Sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LIMA, R. L. de. O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres. *Anais Eletrônicos - Fazendo Gênero 9 (Diásporas, Diversidades, Deslocamentos)*. [ISSN 2179 510X]. Universidade Federal de Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/site/anaiscomplementares#R>>. Acesso em: 23 set. 2021.
- LERNER, G. *A Criação do Patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- MELO, H. P. de; THOMÉ, D. *Mulheres e Poder: histórias, ideias e indicadores*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.
- MICHETTI, M. Entre a legitimação e a crítica: as disputas acerca da Base Nacional Comum Curricular. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.35, n.102, p. 1-19, 2020.
- MIGUEL, L. F. Voltando à discussão sobre capitalismo e patriarcado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol.25, n.3, set.-dez., 2017, p.1219-1237.
- MINAYO, M. C. de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 10 ed., 1998.
- PICOLLI, M. L. Conteúdo erótico chega às crianças e preocupa pais no Brasil. Publicado: 07 mar.

2019. Disponível em: <<https://tribunapr.uol.com.br/cacadores-de-noticias/curitiba/conteudo-erotico-chega-as-criancas-preocupa-pais-brasil/>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

POLITIZE! *Educação Sexual: o que é e como funciona em outros países?* Publicado em: 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/educacao-sexual-o-que-e-e-como-funciona-em-outros-paises/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

RIBEIRO, D. Feminismo Negro para um novo marco civilizatório, *SUR 24 – Revista Internacional de Direitos Humanos*, v.13, n.24, p. 99-104, 2016.

SILVA, T. B. R. da. Mulher negra: seu corpo como símbolo sexual. *Revista Eletrônica da Estácio Recife*, vol. 6, n. 03, março, p. 1-6, 2021.

STANTON, E. The Matriarchate or Mother-Age. *The National Bulletin*, p. 1-12, 1891.

SOMMACAL, C. L.; TAGLIARI, P. de A. A cultura do estupro: O arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. *Revista da ESMESC*, v.24, n.30, p. 245-268, 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – REGISTRO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA EDUCADORES(AS) QUE ATUAM NO CTNMS E NA EJA MANGUINHOS DA EPSJV

Você está sendo convidado(a) para participar de uma entrevista relativa à pesquisa: **"INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: Discutindo a objetificação do corpo da mulher"**. Você foi selecionado(a) por ser um(a) educador(a) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Essa pesquisa tem como objetivo contribuir na compreensão do consumo de pornografia como educador para o patriarcado e legitimador da cultura do estupro, e, desmitificar a educação sexual nas escolas.

Sua participação consistirá na resposta a um roteiro de entrevista semiestruturado, por meio eletrônico (formulário Google Forms ou e-mail). O tempo médio de preenchimento está estimado em quinze minutos. O roteiro de entrevista contará com questões abertas e SIM/NÃO, visando facilitar o processamento do material das entrevistas. Entretanto, você pode interromper a qualquer momento o preenchimento do formulário. As informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Dessa forma, os dados aqui coletados poderão ser publicados/divulgados sem revelar, todavia, a identidade de seus participantes. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Marcello de Moura Coutinho.
Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), sala 301.
Fundação Oswaldo Cruz.
Av. Brasil 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ.
CEP 21.040-900.
Telefone: (21) 3865-9720. E-mail: marcello.coutinho@fiocruz.br

Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz

Avenida Brasil, 4365 – contêiner 07 – Manguinhos
Rio de Janeiro - Cep: 21040-360
Tel.: 3865-9809
E-mail: cep.epsjv@fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 2021.

Nome: _____.

ANEXO 2 – QUESTIONÁRIO PARA EDUCADORES(AS) QUE ATUAM NO CTNMS E NA EJA MANGUINHOS DA (EPSJV – FIOCRUZ)

A) Dados Gerais:

- . **Idade:**
- . **Gênero (ao qual se identifica):**
- . **Raça/Cor (ao qual se identifica):**
- . **Religião (ao qual se identifica):**
- . **Disciplina(s) que ministra:**
- . **Laboratório a que está vinculado(a):**

B) PATRIARCADO E MACHISMO

- 1. Há atualmente, alguma relação entre a produção audiovisual pornográfica e o patriarcado / machismo? De que forma? (*Questão aberta – resposta longa*)**

- 2. O consumo de materiais pornográficos contribui para a objetificação do corpo da mulher, e reforçando estereótipos ligados a sexualidade feminina? (*Questão aberta – resposta longa*)**

- 3. Acredita que há objetificação do corpo da mulher nas produções audiovisuais? (*Opções - Discordo totalmente e concordo totalmente/ Escala de 1 a 5*). Em caso positivo, acredita que os materiais pornográficos podem ser um meio para a perpetuação e agravamento do sexismo, misoginia e violência contra a mulher? (*Questão aberta – resposta longa*)**

C) EDUCAÇÃO SEXUAL E “EDUCAÇÃO PORNOGRÁFICA”

- 1. A falta de educação sexual formal nas escolas contribui para a procura de materiais pornográficos, como forma de ensino e esclarecimento de dúvidas? (*Opções - Sim / Não*)**

- 2. Já teve algum contato com educação sexual? (*Opções - Sim / Não*)**

- 3. Se sim, onde? (*Opções – em casa, escola etc.*)**

- 4. Você acredita que com a inclusão de educação sexual apropriada e informativa evitaria ou diminuiria os riscos de abuso sexual? (*Questão aberta – resposta curta*)**

D) CONTATO COM MATERIAIS PORNOGRÁFICOS

- 1. Já teve contato com materiais pornográficos? (Opções - Sim / Não).**
- 2. Em caso positivo, em qual idade teve o primeiro contato? (Opções de faixas etárias)**
- 3. Qual foi a sua reação a respeito? Opções - (1) Ótimo; (2) Bom; (3) Regular; (4) Ruim; (5) Péssimo; (6) Nenhuma das anteriores.**
- 4. Após o primeiro contato continuou buscando materiais pornográficos? Opções – (1) Nunca; (2) Raramente; (3) Eventualmente; (4) Sempre; (5) Nenhuma das anteriores. Por quê? (Questão aberta - resposta longa)**
- 5. Atualmente, continua buscando materiais pornográficos? Opções – (1) Nunca; (2) Raramente; (3) Eventualmente; (4) Sempre; (5) Nenhuma das anteriores.**
- 6. Por qual meio? Opções – (1) Internet; (2) Revistas; (3) Filmes em DVD; Outro(s)_____.**

ANEXO 3 – REGISTRO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTAS COM EDUCANDOS(AS) DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (EPSJV – FIOCRUZ)

Você está sendo convidado(a) para participar de uma entrevista relativa à pesquisa: **"INDÚSTRIA PORNOGRÁFICA: Discutindo a objetificação do corpo da mulher"**. Você foi selecionado(a) por ser um(a) educando(a) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo a sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Essa pesquisa tem como objetivo contribuir na compreensão do consumo de pornografia como educador para o patriarcado e legitimador da cultura do estupro, e, desmitificar a educação sexual nas escolas.

Sua participação consistirá na resposta a um roteiro de entrevista semiestruturado, por meio eletrônico (formulário Google Forms ou e-mail). O tempo médio de preenchimento está estimado em quinze minutos. O roteiro de entrevista contará com questões abertas e SIM/NÃO, visando facilitar o processamento do material das entrevistas. Entretanto, você pode interromper a qualquer momento o preenchimento do formulário. As informações obtidas através dessa pesquisa são confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação.

Dessa forma, os dados aqui coletados poderão ser publicados/divulgados sem revelar, todavia, a identidade de seus participantes. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Marcello de Moura Coutinho.
Endereço: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), sala 301.
Fundação Oswaldo Cruz.
Av. Brasil 4.365, Manguinhos, Rio de Janeiro – RJ.
CEP 21.040-900.
Telefone: (21) 3865-9720. E-mail: marcello.coutinho@fiocruz.br

Comitê de Ética em Pesquisa da EPSJV/Fiocruz
Avenida Brasil, 4365 – contêiner 07 – Manguinhos
Rio de Janeiro - Cep: 21040-360
Tel.: 3865-9809
E-mail: cep.epsjv@fiocruz.br

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 2021.

Nome: _____.

ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO PARA EDUCANDOS(AS) DA ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO (EPSJV – FIOCRUZ)

A) DADOS GERAIS

- 1. Idade:**
- 2. Gênero (ao qual se identifica):**
- 3. Raça/Cor (ao qual se identifica):**
- 4. Religião (a qual se identifica):**
- 5. Habilitação e Ano / Segmento e Turma:**

B) PATRIARCADO E MACHISMO

- 1. As produções audiovisuais pornográficas contribuem para a perpetuação do machismo e conseqüentemente do patriarcado? Opções – (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Concordo totalmente; (4) Concordo parcialmente; Por quê?_____.** (Resposta longa)
- 2. Há objetificação dos corpos femininos na pornografia? Opções – (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Concordo totalmente; (4) Concordo parcialmente; Por quê?_____.** (Resposta longa)
- 3. O consumo da pornografia influencia nas relações sexuais e na determinação dos papeis de gênero? Opções – (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Concordo totalmente; (4) Concordo parcialmente. Como?_____.** (Resposta longa)
- 4. A produção audiovisual pornográfica poderia estimular a cultura do estupro em relação às mulheres? Opções – (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Concordo totalmente; (4) Concordo parcialmente; (5) Não sei opinar. Por quê?_____.** (Resposta longa)

C) EDUCAÇÃO SEXUAL E “EDUCAÇÃO PORNOGRÁFICA”

- 1. Já teve algum contato com educação sexual? (Opções – Sim/Não).**
- 2. Em caso positivo, onde? (Opções – em casa, escola etc.).**
- 3. Caso não tenha tido contato com educação sexual, gostaria de ter tido? (Opções – Sim/Não). Por quê? (Resposta longa).**
- 4. Já usou os materiais audiovisuais pornográficos para obter conhecimento e esclarecer dúvidas? (Opções – Sim/Não). Por quê? (Resposta longa).**
- 5. A falta de educação sexual formal nas escolas contribuiria para a procura de materiais**

pornográficos, como forma de ensino e esclarecimento de dúvidas? Opções – (1) Discordo totalmente; (2) Discordo parcialmente; (3) Concordo totalmente; (4) Concordo parcialmente; (5) Não sei opinar. Por quê?_____. (Resposta longa)

D) CONTATO COM MATERIAIS PORNOGRÁFICOS

- 1. Já teve contato com materiais pornográficos? Opções – (1) Nunca; (2) Raramente; (3) Eventualmente; (4) Sempre; (5) Não sei opinar.**
- 2. Em caso positivo, em qual idade teve o primeiro contato? (Opções de faixas etárias).**
- 3. Qual foi a sua reação a respeito? (Opções - aprovação, reprovação, repúdio, nojo, interesse sexual etc.).**
- 4. Atualmente, continua buscando materiais pornográficos? Opções – (1) Nunca (2) Raramente; (3) Eventualmente; (4) Sempre; (5) Não sei opinar. Caso a sua resposta tenha sido entre a opção 1 e 4, por qual meio? (Resposta curta).**